



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Juliane dos Santos Escola

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA: EXPERIÊNCIA EM UMA
TURMA DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO DF.**

**BRASÍLIA
2014**



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
LETRAS

Juliane dos Santos Escola

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA: EXPERIÊNCIA EM UMA
TURMA DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO DF.**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como requisito parcial para conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa.

Orientadora: Ms. Rosi Valéri Corrêa Araújo

Brasília
2014



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Juliane dos Santos Escola

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM SALA DE AULA: EXPERIÊNCIA EM UMA
TURMA DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO DF.**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como requisito parcial para conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa.

Orientadora: Ms. Rosi Valéri Corrêa Araújo

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Ms. Rosi Valéri Corrêa Araújo

Ms. Tiago de Aguiar Rodrigues

Dra. Cátia Regina Braga Martins

Brasília, julho de 2014.

À minha mãe.

Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará,
também, o vosso coração.

Mateus

6:21

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela sabedoria para concluir este trabalho, pois sem Sua presença, nada faria sentido.

À minha mãe, grande companheira e amiga, que sempre esteve ao meu lado, incentivando e me amando, almejando, junto comigo, essa nossa conquista. À minha madrinha, Maria Ferreira, grande inspiradora de minha trajetória e exemplo de mestra. E a lara pelo apoio.

À minha tia, Antônia, e à minha irmã, Thalyta, pelo incentivo e carinho.

Ao meu namorado, Raphael, com quem compartilho meus sonhos: sempre me apoiando e se dedicando. À minha cunhada, Cinthia, por toda ajuda ao longo de minha vida acadêmica.

Aos meus amigos e colegas do curso de Letras, em especial à Carine, por todo apoio e companheirismo ao longo dos anos. À minha orientadora, Rosi, pelos conhecimentos e auxílio que me fizeram crescer, tanto na vida acadêmica, quanto na profissional.

Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história.

Bill Gates

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar uma discussão sobre o que o professor de Língua Portuguesa pode fazer para potencializar a capacidade leitora do aluno, utilizando as estratégias de leitura em suas aulas. A presente pesquisa foi desenvolvida no sexto ano do ensino fundamental regular, em uma escola pública do Distrito Federal. Os dados foram adquiridos por meio de observação das aulas, uma aplicação de estratégias de leitura que foi gravada e transcrita para melhor apreciação, houve também a aplicação de um questionário aos alunos. A metodologia utilizada é de caráter qualitativo, baseada no paradigma interpretativista, e a fundamentação teórica dialoga principalmente com Solé, Kleiman, Koch, Bortoni-Ricardo e Marcuschi. Na análise de dados, ficou evidente que a mediação do professor precisa ser efetiva quanto ao ensino da leitura em sala de aula e as estratégias de leitura podem auxiliar na construção de um procedimento que desenvolva, no aluno, a competência leitora.

Palavras-chave: Leitura. Mediação. Estratégias de Leitura.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2 LEITURA	13
2.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA.....	15
2.2 MEDIADORES DA LEITURA.....	18
2.3 GÊNEROS TEXTUAIS.....	21
3 METODOLOGIA.....	23
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA.....	25
3.2 OBSERVAÇÃO/DIÁRIO DE BORDO.....	26
3.3 QUESTIONÁRIO.....	27
3.4 GRAVAÇÃO/TRANSCRIÇÃO.....	27
4 ANÁLISE DE DADOS.....	29
4.1 OBSERVAÇÃO.....	30
4.2 APLICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA.....	31
4.3 QUESTIONÁRIO.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A.....	50
APÊNDICE B.....	53
APÊNDICE C.....	69
ANEXO A.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

PISA – Programa Internacional para Avaliação de Estudantes (*Programme for International Student Assessment*).

SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A dificuldade de leitura dos alunos tem sido cada vez mais evidenciada pelos professores e pelos testes nacionais e internacionais (PISA, SAEB, etc.). Os alunos não conseguem ler e, muito menos, interpretar um texto, fato cada vez mais preocupante, pois interfere em seu aprendizado. Frente a essa inquietação, o presente trabalho propõe-se a analisar qual seria a melhor forma de incentivar os alunos a melhorar sua competência leitora e interpretação de textos.

O desenvolvimento do leitor começa na instituição familiar e, posteriormente, atribui-se esse papel à escola. E, no espaço escolar, o professor é o mediador desse processo. É por meio dele que se formarão novos leitores com habilidades e competências que instigarão a reflexão e não somente a leitura automática, sem compreender o que está sendo lido.

Partindo desse pressuposto, os educandos necessitam ler textos que apresentem significados pertinentes ao seu cotidiano. Para tanto, a função do docente é de grande valor, pois são suas práticas pedagógicas que influenciam na ampliação da capacidade leitora. Dessa forma, ao utilizar as estratégias de leitura ajustadas ao meio social, o educador faz com que os alunos sintam vontade em ler, pois se identificarão com o texto.

O professor é considerado mediador entre o aluno e o texto, mas os PCN's não evidenciam essa importância, nem manifestam a necessidade da utilização de textos adequados à idade, à série e ao nível social do leitor, para que haja um maior interesse de sua parte.

Considerando a dificuldade do discente para ler autonomamente, o professor deve fornecer subsídios para desenvolver sua competência leitora mediante a prática das estratégias de leitura, ponto no qual se encontra a dificuldade, pois o docente pode incentivar o aluno a ler em sala de aula e em tarefas de leitura para casa; porém, não cabe somente a ele incentivar seu aluno, haja vista que a família também tem um papel importante nessa interação.

Cabe destacar que a leitura, dentro da sociedade, revela-se em variados espaços de interação social e não se restringe a uma norma específica e nem a moldes sociolinguísticos pré-estabelecidos. Possui função de suma importância, pois é um componente de inserção social, por oferecer conhecimento e informações imprescindíveis para a interação social.

Interpretar palavras não denota ler, mas conferir a elas significação, analogias, interpretações e inferências; conhecimentos proporcionados por meio dos textos que são empregados, cotidianamente, nos diferentes gêneros textuais, para a obtenção de um determinado objetivo.

No primeiro capítulo, intitulado “Leitura”, é destacada a importância da prática leitora segundo Koch e Elias (2010). No primeiro subitem do capítulo, estão descritas as estratégias de leitura em sala de aula, evidenciando sua importância como procedimento para o ensino seguindo os procedimentos de Solé (1998). No segundo subitem, mostra-se o papel do professor como mediador da leitura dialogando com Moura e Martins (2010) e Girotto e Souza (2010). No terceiro, e último, subitem desse capítulo, discorre-se sobre os gêneros textuais em sala de aula baseados em Marcuschi (2002).

Em relação aos procedimentos adotados na realização da pesquisa, o capítulo metodológico propõe-se a descrever todos os passos realizados ao longo deste trabalho. No primeiro subitem, é explicado, de forma breve, o contexto da pesquisa. Em seguida, apresenta-se a finalidade do *diário de bordo*, segundo Bortoni-Ricardo (2008), e da observação, segundo Marconi e Lakatos (2004), feita em aulas de Língua Portuguesa, nas quais foram presenciadas várias situações cotidianas do espaço escolar. Delimita-se o questionário, conforme Fachin (2003), utilizado neste trabalho como fonte de dados para apreciação e, no último subitem, contextualiza-se a gravação e a transcrição, conforme Ladeira (2007), voltadas aos objetivos propostos para análise.

O último capítulo traz a análise dos dados adquiridos em campo, visando esclarecer o que pode ser feito pelo docente a fim de potencializar a capacidade leitora dos alunos, em sala de aula, utilizando as estratégias de leitura.

Como objetivo geral presente pesquisa tem, como proposta maior, analisar a aplicação de estratégias de leitura como mediação para o desenvolvimento da capacidade leitora do aluno. E especificamente definir leitura e estratégias, analisando a função do professor como mediador da leitura e o desenvolvimento da compreensão leitora do aluno a partir das estratégias de leitura aplicadas em aulas de Língua Portuguesa.

Assim sendo, espera-se que esse trabalho sirva de consulta a professores, atuantes e em formação, que desejam implementar em suas aulas de Língua

Portuguesa as estratégias de leitura como meio pedagógico para melhorar a competência leitora de seus alunos.

2 LEITURA

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.

(Carlos Drummond de Andrade)

A leitura é uma atividade constante da condição humana, uma capacidade a ser adquirida desde cedo, e treinada de distintas formas. Tem papel crucial na formação de um indivíduo, auxiliando no seu desenvolvimento, como ser social e humano. É habilidade considerada fundamental em nossa sociedade, haja vista grande parte das atividades em sala de aula estar voltada para a língua escrita. Lê-se para entender e conhecer, para sonhar, viajar na imaginação, por prazer ou curiosidade. E ter o domínio da aptidão leitora proficiente, capaz de entender o texto sem auxílio, garante o exercício da cidadania, acesso aos bens culturais e à inclusão social.

Então, como prática social, a leitura acontece em diversos ambientes, que têm características particulares como: o tipo de conteúdo dos textos que nele circulam; as intenções colocadas para a leitura; e os procedimentos mais comuns para a decodificação. Decorrentes dessas finalidades apresentam-se os gêneros textuais, que devem ser significativos à realidade de quem os lê, colocando em prática as estratégias para compreensão do texto, e é esse processo que o faz possuidor das habilidades para exercer sua cidadania, inserindo-o na sociedade letrada.

Segundo os PCN ¹(1998), no processo de leitura de textos escritos, espera-se que o aluno saiba selecionar materiais, segundo seu interesse e necessidade; que seja receptivo a novos textos; que troque experiências com outros leitores a respeito do que foi lido, sabendo criticar, tanto a partir do próprio texto, como de sua prática enquanto leitor, compreendendo o que está lendo e, assim, adquirindo interesse em ler:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é

¹ Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (BRASIL, 1998, p. 69).

Esse documento, ainda, evidencia que, nas séries iniciais do ensino fundamental, ocorrem mais desistência de alunos, visto sentirem-se desmotivados diante de uma leitura que não conseguem entender.

A leitura deve ser percebida como atividade de produção de sentido, “é um texto que exige do leitor bem mais do que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo” (KOCH e ELIAS, 2010, p.11). É o principal meio de aquisição de conhecimento, e, para isso, é preciso que o leitor interprete o texto, o que muitas vezes não acontece pelo fato de a leitura ser utilizada somente como instrumento de decodificação.

A leitura não deve ser vista somente como decodificação de sinais que necessitam passar pelo conhecimento de quem lê, devendo-se levar em conta, também, a sua competência leitora² e sua experiência social, pois, segundo Kleiman (2010), não é apenas a análise de cada unidade textual, mas a partir da percepção de cada unidade do texto é que o conhecimento prévio³ é instigado, e assim o leitor é capaz de perceber as informações para a compreensão do que se está lendo.

Segundo Paulo Freire (2002), “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo⁴”. Ler o mundo é um dos elementos que levam ao aperfeiçoamento do conhecimento a respeito dos usos e funções da leitura. Vai além do ato de decodificar palavras descontextualizadas e, por isso, a leitura de mundo deve anteceder a leitura das palavras escritas, compreendendo, assim, a ligação entre o texto e o conjunto do que está escrito, desenvolvendo, portanto, o contexto⁵.

Com isso, o leitor deve sentir satisfação ao ler, ter interesse pela informação, e, só assim, a leitura agregará novos conhecimentos à sua bagagem, caso contrário,

² Segundo o documento oficial da OCDE / PISA: “A competência leitora consiste na compreensão, o emprego e a reflexão pessoal a partir de textos escritos com o fim de alcançar metas próprias, desenvolver o conhecimento e o potencial pessoal e de participar na sociedade”.

³ Segundo Kleiman (2010, p.13), “[...] *conhecimento prévio*: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida.”

⁴ De acordo com Freire (2002), “[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.”

⁵ Conforme Koch (2010, p. 59), contexto refere-se a “[...] tudo aquilo que, de alguma forma, contribui ou determina a construção do sentido.”

torna-se, apenas, algo automatizado, cuja execução visa, somente, agradar outrem, ou necessidade momentânea de se comunicar.

Sobre o assunto, Sabino afirma que:

A leitura pode ter diversas finalidades, entre as quais se pode salientar as que seguem: a) puro deleite espiritual (a leitura pelo prazer de viver a narrativa), b) obtenção de informação científica, literária ou de eventos e c) construção de conhecimento e produção de novos textos. (SABINO, 2008, p. 7)

A leitura deve ser assimilada como componente de um processo mais abrangente: o letramento que, segundo Kleiman (2010), refere-se ao uso da leitura e da escrita nas distintas práticas sociais. Esse conceito se distancia do que era pensado antigamente quando Letramento era visto somente como a diferenciação entre pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas.

[...] letramento é muito mais que alfabetização. [...] é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2009, p.44)

Assim sendo, para conseguir sua proficiência leitora, o indivíduo utiliza estratégias para compreender e interpretar o texto, procedimentos que serão apresentados a seguir.

2.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

A leitura é essencial no desenvolvimento do ser humano, e a escola possui um papel efetivo no progresso do hábito de ler e gerar, nos alunos, o interesse pelo uso de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender os textos escritos. Conforme Solé,

As estratégias de compreensão leitora [...] são procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeia para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança.” (SOLÉ, 1998, p.69)

A autora ainda salienta que, por ser um procedimento, e, segundo ela, procedimento é conteúdo, é preciso ensinar as estratégias de leitura para que haja a compreensão dos textos, pois a leitura não é algo que se desenvolve sozinha, sem estímulo, precisa ser ensinada para que o indivíduo a use.

Vale ainda destacar que, considerando que sejam procedimentos de ordem elevada, as estratégias não podem ser abordadas como procedimentos sucintos, receitas infalíveis ou aptidões específicas. Deve-se estimular a capacidade de avaliar as dificuldades e encontrar soluções, “por isso, ao ensinar estratégias de compreensão leitora, entre os alunos, deve predominar a construção e o uso de procedimentos de tipo geral, que possam ser transferidos sem maiores dificuldades para situações de leitura múltiplas e variadas.” (SOLÉ, 1998, p.70) Assim, contribui-se para o desenvolvimento dos alunos, promovendo suas aptidões como leitores.

Outro ponto a ser frisado, é que os leitores aprendem, desde cedo, a interpretar, inconscientemente, o contexto em que os textos são elaborados, o que presume que haja um aprimoramento nas suas competências somente quanto à construção de sentido ao interpretar os fatores linguísticos⁶ e extralinguísticos⁷ do texto.

As informações implicitamente sugeridas podem ser um dos fatores que interferem no processo de construção do sentido do texto, pois, para o leitor compreender essas informações ele precisa ativar vários conhecimentos prévios – mundo, linguístico e interacional – para entender e ‘sacar’ nas entrelinhas o que não está revelado na materialidade do texto. (COSTA & SALCES, 2013, p. 61)

Sob essa orientação, é necessário considerar as situações em que somente a compreensão do sentido literal⁸ é insuficiente para entender do texto. As estratégias que os professores devem ensinar precisam permitir que o aluno não possua apenas um repertório de estratégias ensinadas, mas que saiba utilizar as estratégias corretas para a compreensão do texto.

Solé (1998) apresenta sugestões de atividades cognitivas que deverão ser estimuladas por meio das estratégias:

⁶ Segundo Costa e Salces (2013, p.60), “[...] fatores linguísticos são os significantes linguísticos do texto em sua materialidade, como o conjunto léxico, as estruturas linguísticas e os recursos coesivos utilizados na elaboração de um texto.”

⁷ Considerando Costa e Salces (2013, p.61), fatores extralinguísticos são “[...] fatores que não pertencem ao sistema da língua, mas que são fundamentais para a construção de sentido [...]”.

⁸ “[...] é o sentido correspondente à significação que está no dicionário.” (COSTA & SALCES, 2013, p. 62)

1. **Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura.** Equivale a responder às perguntas: Que tenho que ler? Por que/ para que tenho que lê-lo?
2. **Ativar e apontar a leitura e os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão.** Que sei sobre o conteúdo do texto? Que sei sobre conteúdos afins que possam ser úteis para mim? Que outras coisas sei que possam me ajudar: sobre o autor, o gênero, o tipo do texto...?
3. **Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial.** Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes, por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo?
4. **Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”.** Este texto tem sentido? As ideias expressadas no mesmo têm coerência? É discrepante com o que eu penso embora siga uma estrutura de argumentação lógica? Entende-se o que quer exprimir? Que dificuldades apresenta?
5. **Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a autointerrogação.** Que se pretendia explicar neste parágrafo – subtítulo, capítulo -? Qual é a ideia fundamental que extrai daqui? Posso reconstruir o fio dos argumentos expostos? Posso reconstruir as ideias contidas nos principais pontos? Tenho uma compreensão adequada dos mesmos?
6. **Elaborar e provar inferências de diverso tipo, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões.** Qual poderá ser o final deste romance? Que sugeriria para resolver o problema exposto aqui? Qual poderia se – por hipótese – o significado desta palavra em que me é desconhecida? Que pode acontecer com este personagem? (SOLÉ, 1998, p. 73, grifo nosso).

Essas sugestões podem nortear o leitor quanto à sua cognição em relação ao texto, fazendo com que seus conhecimentos sejam ativados e, assim, possa compreender o que está lendo. Mas também deve auxiliar na seleção de outras estratégias que possam orientá-lo quando se depara com uma dificuldade na leitura.

Solé (1998) considera que alunos diagnosticados com dificuldades de aprendizagem são capazes de conseguir condições satisfatórias de leitura, se forem estimulados a ler de forma adequada. Para tanto, apresenta as estratégias de leitura para antes durante e após a leitura.

- Antes de ler, os leitores devem ativar seus conhecimentos prévios relacionando-os às ideias do texto. É nessa pré-leitura que formulam hipóteses baseadas em seus conhecimentos prévios, que serão confirmadas no decurso da leitura.
- Durante a leitura, é comum que o leitor reflita sobre o que está lendo, tomando nota em pausas, em outros momentos, prevendo o que ainda pode acontecer, reavaliando e atualizando sua hipótese inicial; assim,

lê as partes seguintes com mais atenção, à procura de informações relevantes.

- Após a leitura, o leitor reprocessa o texto, reflete sobre o que acabou de ler, e, provavelmente, avalia a credibilidade das informações, podendo até pensar em uma forma de utilizar a nova informação que adquiriu.

No decorrer da leitura, a autora propõe um ciclo que consiste em “[...] ler, resumir, solicitar esclarecimentos, prever [...]” (Solé, 1998, p.119), no qual *resumir* significa apresentar, sinteticamente, o que foi lido; *esclarecer dúvidas* consiste em testar se houve a compreensão do texto por meio de um autoquestionamento, formulando perguntas apropriadas de assimilação com o texto; e, por fim, a *prever* que se baseia no conhecimento e experiências que o aluno já possui e sua capacidade de estabelecer hipóteses sobre o que será localizado no texto.

Solé (1998, p. 119) ainda salienta que “[...] não é recomendável seguir uma sequência fixa e estática, mas adaptá-la às diferentes situações de leitura, aos alunos que participam delas e aos seus objetivos.”

Diante do exposto, sugere-se que professores utilizem as estratégias de leitura apresentadas acima, em sala de aula, para desenvolver, nos alunos, sua competência leitora, formando bons leitores, usuários das estratégias de leitura; e, também, para suscitar, em seus alunos, a autonomia para que eles façam suas contribuições à leitura e possam agenciar as finalidades que desejam atingir com ela.

2.2 MEDIADORES DA LEITURA

Ao refletir sobre o ato de ler e as estratégias que devem ser utilizadas para isso, deve-se lembrar que a compreensão depende da forma como a leitura flui, o leitor precisa de instruções adequadas para esse desenvolvimento, e o responsável por mediar essa compreensão é, essencialmente, o professor.

Mediar é fazer com que a leitura seja interessante para o leitor, envolvendo-o no que está sendo lido. Orientá-lo e ajudá-lo a desenvolver sua competência leitora, isso é o que deve ser priorizado no âmbito escolar. Integrar a escola nesse processo é incluir, preferencialmente, o professor como aquele que dá notoriedade ao ato de ler. Antunes (2009) define o professor como

[...] Aquele que apresenta o livro, que expõe e lê o texto, analisa-o, fala sobre ele traz notícias sobre os autores, sobre novas publicações; enfim, aquele que transita pelo mundo das páginas, que deixa o rastro de sua experiência de leitor. É o mediador, entre o aluno leitor e o autor do livro. [...] (ANTUNES, 2009, p.202)

O professor exerce o papel de mediador no processo de compreensão leitora, certificando-se da relação entre a construção das metas almeçadas pelo aluno, e aquilo que o autor pretende mostrar, utilizando-se das estratégias de leitura para alcançar seu objetivo. Solé (1998) mostra seu ponto de vista sobre essa relação de troca de conhecimento:

Entendo as situações de ensino/aprendizagem que se articulam em torno das estratégias de leitura como processos de construção conjunta, nos quais se estabelece uma prática guiada através do qual o professor proporciona aos alunos os 'andaimes'⁹ necessários para que possam dominar progressivamente essas estratégias [...]. (SOLÉ, 1998, p.76)

Porém, não se pode atribuir somente à instituição escolar esse papel de mediação, pois na escola o ensino é a prioridade, mas isso não elimina o papel da família, e de outras instituições sociais, que se excluem e transferem para ela toda responsabilidade de promover a ampliação das competências leitoras.

A instituição educacional deve envolver toda a família no desenvolvimento do estímulo à leitura, convidando a promover situações em que o aluno estará em contato com textos, sendo que, assim, se tornarão corresponsáveis pelo aprendizado e desenvolvimento do leitor. Assim, a família pode desenvolver seu papel em estimular os alunos a ler fora do ambiente escolar.

Considerando a participação da instituição familiar, o professor pode trabalhar melhor com o aluno e avaliar as competências que já possui. Certificando-se das aptidões já assimiladas pelos alunos, buscará, somente, ampliá-las e desenvolvê-las, não tendo a necessidade de iniciar todo processo para que o educando adquira as competências necessárias para ser um leitor proficiente.

⁹ Solé (1998, p.76) cita a metáfora do andaime proposta por Wood, Bruner e Ross (1976) para fundamentar a função do ensino no conhecimento do aluno: "Assim como os andaimes sempre estão localizados um pouco acima do edifício que contribuem para construir, os desafios do ensino devem estar um pouco além [...] da mesma maneira que, depois da construção do edifício [...] o andaime é retirado sem ser possível encontrar seu rastro e sem que o edifício caia também as ajudas que caracterizam o ensino devem ser retiradas progressivamente, à medida que o aluno se mostra mais competente e puder controlar sua própria aprendizagem."

E, como encarregado de aproximar o aluno da leitura, é fundamental que o docente faça a mediação entre o aluno e o texto, mostrando como um gênero que ele já conhece, e não como instrumento de avaliação e tarefa. Mas, em muitos casos, o professor não reflete sobre seu papel neste processo:

[...]o papel do educador na intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais repensado; se, da postura professoral lendo *para e/ou pelo* educando, ele passar a ler *com*, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro. (MARTINS, 1994, p.33, grifo do autor)

Essa incumbência deve ser deduzida pelos mediadores como um estímulo permanente, pois a função que exercem na motivação de leitura pode interferir no desenvolvimento de leitores. Logo, os professores mediadores devem demonstrar empatia, para que, possam compreender os leitores com máxima clareza. “O desenvolvimento das competências de leitura [...] depende também da intervenção criativa, crítica e funcional do professor que planeja atividades e práticas de leitura [...] que sejam prazerosas e significativas para os alunos.” (BRASIL, 2008, p.18)

Para tanto, o professor precisa de planejamento e precisa criar atividades de modo a elevar o nível da compreensão, para que o aluno adquira confiança e consiga definir, por si, as ações necessárias em sua leitura.

A experiência da mediação da leitura reforça o compromisso com a qualidade do ensino prioritariamente centrado na aprendizagem e permite entender que quanto maior a disponibilidade do professor em assumir o papel de mediador do ensino melhor será o resultado das interações em sala de aula. (MOURA e MARTINS, 2010, p.111).

Como já foi assinalado, é relevante que o professor auxilie seu aluno a desenvolver a consciência sobre a importância da leitura. Para isso, o educador deve conhecer os interesses dos discentes, de acordo com a faixa etária, classe social e assuntos atuais, procurando inteirar-se do quanto já sabem, de forma a lhe oferecer materiais e experiências leitoras capazes de entusiasamá-lo. Assim, gera no aluno o reconhecimento da leitura como uma atividade social, que está sempre se renovando e exigindo do leitor conhecimentos linguísticos e experiência de mundo para acionar os dados do texto. “Para alcançar esses objetivos, é necessária a intervenção de um professor apto a mediar as situações de leitura [...] com objetivos pedagógicos claros e definidos.” (MENDONÇA & BUZEM, 2006, p. 22)

Os mediadores devem buscar não somente a leitura de textos clássicos, mas, também, adaptar o ensino das estratégias de leitura, utilizando as novas tecnologias, presentes na realidade na qual o aluno estará inserido; pois, unida ao atrativo tecnológico, a leitura tornará muito mais relevante a prática cultural vivida por ele.

Os professores, uma vez conscientes acerca do ensino das estratégias de leitura, passam a se perguntar sobre qual ordem devem ensinar as estratégias. A resposta é que não há uma sequência para esse ensino. Faz-se necessário, inicialmente, ensinar os alunos a pensar sobre as leituras e deixar marcas, pistas, indícios de suas ideias no texto lido. E na sequência, levá-los a perceber como utilizam as estratégias para compreensão. (GIROTTTO & SOUZA, 2010, p.58)

Por fim, é importante lembrar que a formação desses leitores deve ser voltada para a variedade de textos existentes em suas diversas práticas sociais, considerando, assim, diferentes processos de leitura e formas de ensinar, de tal modo ensinando-os as estratégias de leitura, eles conseguiram a utilizar autonomamente, de acordo com o gênero com o qual estará em contato.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS

Conforme indica Marcuschi (2002), todos os textos que conhecemos organizam-se dentro de um determinado gênero com sua própria forma, circulação, suporte e extensão, o que faz com que exista uma quantidade quase ilimitada de gêneros textuais.

Assim, como práticas sociocomunicativas, apresentam funções específicas: são formados de um determinado modo, utilizados em situações específicas, têm conteúdo e estilo único, o que possibilita o reconhecimento e a utilização sempre que preciso. “[...] Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia.” (MARCHUSCHI, 2002, p.19)

Devido, também, às novas tecnologias, com presença efusiva na comunicação social, cria-se toda uma nova variedade de gêneros textuais. Um gênero já existente passa por uma adaptação, de acordo com a prática social desejada, e também, como é reprodução de ordem social de cada sociedade, “[...] a variação cultural [...] traz [...] consequências significativas para a variação dos gêneros [...]” (MARCUSCHI, 2002, p.32), ou seja, de acordo com as mudanças

sociais que ocorrem na sociedade, os gêneros também tendem a se alterar, pois são construídos socialmente de acordo com a necessidade de comunicação.

Comumente, gênero é confundido com tipologia, assim sendo, Marcuschi(2002), apresenta-nos suas diferenças:

- a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição [...] abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.
- b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição características [...] são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta, comercial [...]. (MARCUSCHI, 2002, p.23)

O autor ainda salienta que a expressão “tipo de texto”, que é usada nos livros, e em nosso cotidiano, é equivocada, pois, segundo ele, [...] “não designa um tipo, mas sim um gênero de texto” (MARCHUSCHI, 2002, p.25). É claro que dentro dos gêneros são encontrados os tipos textuais, mas não são a esses que se referem quando perguntam “que tipo de texto é esse?”.

Em sala de aula, as bases teóricas dos gêneros textuais são, ainda, em sua maioria, desconhecidas, o que faz com que professores utilizem a leitura como pretexto somente para a gramática normativa, “eles demonstram [...] dificuldade [...] em se apropriar de conceitos de natureza mais discursiva, seja no que concerne aos gêneros textuais, seja nos processos envolvidos no ato da leitura [...]” (HILA, 2009, p.156).

Assim, cabe ao docente dar oportunidade para que os alunos conheçam os gêneros textuais em circulação, inseridos em práticas reais e contextualizados, pois é no convívio com os diferentes tipos de gêneros textuais que o aluno percebe sua utilização nas práticas sociais, permitindo o aperfeiçoamento de sua capacidade leitora proficiente.

3 METODOLOGIA

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico, [...] estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente [...].
(Stella Maris Bortoni-Ricardo)

Ao realizar uma pesquisa, é necessária a comparação entre o conhecimento teórico sobre um determinado tema e as informações adquiridas em campo, contextualizando-os ao objetivo da pesquisa.

Ludke e André (1986, p. 2) citam a pesquisa como “[...] fruto da curiosidade, da inquietação, da inteligência e da atividade investigativa dos indivíduos, a partir e em continuação do que já foi elaborado e sistematizado pelos que trabalharam o assunto anteriormente [...]”, pesquisa essa que culminará em um conhecimento, o qual poderá ser confirmado ou negado, por meio dos dados gerados.

Segundo Soares (2003, p. 42), a pesquisa científica “[...] é a realização de uma investigação planejada, que é desenvolvida e redigida conforme normas metodológicas”, e seu objetivo é, principalmente, o de construir conhecimento mediante as informações adquiridas.

Sobre o modelo interpretativista, Bortoni-Ricardo (2008, p. 32) afirma que as práticas sociais estão diretamente relacionadas com a nossa forma de ver o mundo e os significados que nele existem, ou seja, há uma interpretação das ações sociais e da importância que se dá a essas ações.

Sob a denominação interpretativismo, podemos encontrar um conjunto de métodos e práticas empregados na pesquisa qualitativa, tais como: etnográfica, observação participante, estudo de caso, interacionismo simbólico, pesquisa fenomenológica e pesquisa construtivista, entre outros. [...] Na pesquisa qualitativa, não se procura observar a influência de uma variável em outra. O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os autores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam. (BORTONI-RICARDO, 2008, p.33 - 34)

A autora ainda expõe que “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34), e seu objetivo, em sala de aula, utilizando a etnografia, é a descoberta do que acontece corriqueiramente no âmbito escolar, a rotina do professor.

A pesquisa etnográfica aborda as informações adquiridas e registradas por meio de observações feitas no ambiente pesquisado, analisando as práticas sociais

que acontecem e toda significação que elas têm no contexto observado, o que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2008), faz com que o próprio pesquisador seja ativo do processo e não um agente passivo, pela sua capacidade de compreensão, sua maneira particular de ver o mundo. O espaço escolar, então, ganhou privilégios para a aplicação de pesquisas de cunho qualitativo, aplicadas sob a ótica do interpretativismo.

Nesse aspecto, a pesquisa se voltará para a sala de aula e para a observação de estratégias de leitura, registrando os dados e possíveis acontecimentos relacionados ao tema.

Quando se fala em adquirir informações em sala de aula, por meio da etnografia, “[...] devemos entender que se trata de pesquisa qualitativa, interpretativista, que fez uso de métodos desenvolvidos na tradição etnográfica, como a observação, especialmente para a geração e a análise dos dados” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 38).

Avaliar fenômenos qualitativamente denota trabalhar com as informações adquiridas na aquisição dos dados. Essa tarefa de apreciação implica organização do material, dividindo-o em partes, relacionando as partes e buscando respostas e modelos relevantes. E por fim, avaliando todos os dados, investigando as semelhanças e inferências.

É nessa metodologia que a análise do trabalho pedagógico em sala de aula trará a perspectiva de autores sociais do processo de leitura, adequando-se à problemática proposta. “Dessa forma, é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é contexto por excelência para os educandos.” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 42)

Em relação às pesquisas educacionais, encontra-se uma maior preocupação com os problemas de ensino, e é a partir dessa inquietação que a pesquisa contribui para melhorar a educação.

Dentro da pesquisa qualitativa, elaborada neste trabalho, é destacada a utilização de observação de aulas de Língua Materna, da aplicação do procedimento de estratégias de leitura e de um questionário ao qual os alunos foram submetidos. O método de investigação proposto nessa pesquisa organizou-se em cinco passos fundamentais:

- 1) Definição da escola e série;
- 2) Criação do instrumento de pesquisa – questionário;
- 3) Observação das aulas na instituição escolhida, em uma turma específica de 6º ano do ensino fundamental regular, com registro em *diário de bordo*.
- 4) Aplicação de técnicas de leitura com os alunos.
- 5) Aplicação do questionário aos alunos.

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A presente pesquisa foi aplicada no Centro Educacional 07 do Gama, localizado na EQ 15/17, Praça 01, Lote 03, Setor Central – Gama/DF, escola subordinada à Gerência Regional de Ensino do Gama. Essa unidade de ensino foi fundada em 1977, como *Escola Classe 27*. Depois, passou a *Centro de Ensino de 1º Grau 13 do Gama*, em 2000. No ano de 2005, passou a ser *Centro Educacional 07 do Gama*, por atender, no período diurno, aos 6º a 9º anos e, no noturno, ao ensino de jovens e adultos (EJA), como 3º segmento.

A escola possui vinte e três salas de aula, assim distribuídas: uma sala para laboratório de Ciências Naturais ou Projeto, uma sala para Artes ou Projeto, uma quadra de esportes, uma biblioteca, uma cantina com depósito de alimentos, uma secretaria, uma sala de professores, uma sala para direção, uma sala para apoio, uma sala para servidores da limpeza, uma sala para SOE, um depósito para material desportivo, um vestiário feminino, um vestiário masculino, uma sala para o EJA e assistência pedagógica, três banheiros femininos e três masculinos para alunos, dois banheiros para alunos com necessidades especiais, um banheiro para servidores, um banheiro feminino e masculino para professores, um depósito para materiais de limpeza e expediente, uma sala multimídia e informática, uma cantina comercial, uma quadra poliesportiva e um pátio.

A instituição conta com um corpo escolar de um diretor, um vice-diretor, dois supervisores pedagógicos, dois supervisores administrativos, quatro coordenadores pedagógicos, um chefe de secretaria, três orientadores educacionais, cinco auxiliares de educação serviços gerais, quatro professores com limitação de função, quatro vigilantes, oito apoios administrativos, setenta e seis professores, quatro auxiliares de educação copa e cozinha, quinze servidores terceirizados de conservação e limpeza.

O intervalo é de quinze minutos. Nesse período, é distribuído o lanche aos alunos, e a escola costuma colocar música para animá-los.

Por ficar próxima à rodoviária da cidade, recebe alunos do entorno do DF e cidades rurais próximas.

Os dados foram registrados por meio de observação nas aulas de Língua Portuguesa do 6º ano “A” do ensino fundamental regular, no período de 1º de abril a 9 de maio. A seguir, houve a aplicação das estratégias de leitura e do questionário avaliativo. A metodologia utilizada está de acordo com a abordagem qualitativa baseada no paradigma interpretativista.

3.2 OBSERVAÇÃO/DIÁRIO DE BORDO

A finalidade do recolhimento de informações, por meio da observação em sala de aula, expõe a interação do docente com o aluno, e de ambos em relação ao conteúdo trabalhado em classe. Assim sendo, as anotações feitas em campo são de grande relevância para análise de dados.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p.30), diário de bordo são os apontamentos feitos das atividades, descrições de situações cotidianas no espaço escolar, reproduções de falas e cópias do questionário feito em sala. Contém o material necessário para avaliações e especulações pertinentes para relacionar a teoria proposta com as informações adquiridas. Esse diário, logo, é o registro dos episódios cotidianos observados em sala de aula, assim como rotinas de estudo, comportamento e atividades.

A observação, a aplicação das técnicas de leitura e o questionário aplicado aos alunos são os principais meios de informação nesse trabalho.

Segundo Marconi e Lakatos (2004, p. 275), “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações [...]; não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.”

Para maior eficiência, o procedimento de observação foi aliado a outras técnicas de recolhimento de informações, neste caso, o questionário, privilegiando a abordagem no ambiente educacional.

3.3 QUESTIONÁRIO

O questionário constitui-se de questões estruturadas, que serão analisadas e submetidas a certo número de pessoas com a finalidade de obter dados para apreciação. Segundo Fachin (2003, p. 147), “ [...] a informação coletada pelo estudioso limita-se tão somente às respostas escritas e preenchidas pelo próprio pesquisado.”.

De estilo aberto, o questionário usado é avaliado qualitativamente. Tem como finalidade expor os procedimentos ocorridos no ambiente escolar em questão, e a compreensão dos alunos em relação a essas práticas. O questionário, composto de quatro questões abertas, fundamentadas no tema do trabalho, proporcionou a verificação do vínculo estabelecido entre a teoria e a prática.

Questões abertas são aquelas que dão condição ao pesquisador de discorrer espontaneamente sobre o que se está questionando; as respostas são de livre deliberação, sem limitações e com linguagem própria. Com essas respostas, pode-se detectar melhor a atitude e as opiniões do pesquisado, bem como sua motivação e significação. (FACHIN, 2003, p. 152)

As perguntas foram direcionadas aos alunos, com faixa etária de 10 a 12 anos. A primeira pergunta relaciona-se ao entendimento do aluno sobre o texto. A segunda relaciona o texto à vida do estudante. A terceira diz respeito ao entendimento que o texto lhe trouxe sobre algo que não sabia antes da leitura. A quarta, e última questão, analisa a percepção do aluno quanto à ênfase em uma parte da história que lhe tenha chamado atenção.

Por meio do questionário, foi possível obter uma resposta dos alunos às estratégias de leitura aplicadas em sala de aula, dando, à análise, uma resposta à problemática proposta pela pesquisa.

3.4 GRAVAÇÃO/TRANSCRIÇÃO

A gravação é vista como o acontecimento verdadeiro de uma sequência, já que registra o acontecido. Segundo Ladeira (2007, p. 50),

[...]a vantagem da gravação seria a possibilidade de ouvi-la e estudá-la quantas vezes for necessário. O material gravado não registra todos os acontecimentos de um evento, mas constitui uma boa representação dos acontecimentos.

A gravação neste trabalho é, portanto importante para que o registro seja analisado sempre que a pesquisadora necessitar. Assim sendo, é relevante a transcrição aproximada do ocorrido.

Nesse trabalho, foi utilizada a transcrição corrigida, por meio do processo de transcrição do material de áudio, ignorando eventuais marcas informais de oralidade, e não indicando pausas, nem outras variações incomuns à norma padrão, resultando em um texto mais fluente, pois, para o objetivo da pesquisa, não se faz necessária a transcrição literal.

4 ANÁLISE DE DADOS

Por meio da análise dos dados, foi possível constatar como se da mediação do professor no processo de leitura em sala de aula. Observou-se o contato dos alunos com a leitura, a discussão e problemas surgidos em sala. Além disso, analisou-se a proposta de estratégias de leitura, na qual os alunos foram estimulados a trazer o texto para seu cotidiano, como forma de entender o que estavam lendo.

A pesquisa iniciou-se com a observação de aulas de Língua Portuguesa, com a análise da interação do docente, como mediador entre a leitura e o aluno, e o comportamento dos alunos frente as aulas do professor.

Assim sendo, observando que a maioria dos alunos só fazia as atividades de leitura em sala de aula, pôde-se verificar que, primordialmente, em relação à formação do leitor, a família é omissa ao incentivo da leitura, deixando para a escola o papel de sua valorização. E não demonstram, ainda, ter consciência da importância, pois, fora do ambiente escolar, os alunos só leem, citando exemplos, por necessidade de comunicação, compra ou embarque em condução coletiva. Poucos discentes relatam o gosto pela leitura sem obrigação.

Já dentro de sala de aula, o professor limita-se ao uso do livro didático. Não desenvolve um plano de aula no qual a leitura é priorizada, fazendo do livro o único meio de leitura acessível aos alunos, talvez por que seja uma escola pública e o livro é o único material acessível a todos, o que não viabiliza o estímulo que o professor, como mediador, deve promover.

Além disso, a proposta do livro didático tem seus pontos fracos: impossibilita, por parte do docente, a contextualização do gênero trabalhado e também reduz o número de textos que podem ser trabalhos, pelo fato de o tema de muitos deles não fazerem parte do cotidiano do aluno, o que gera dificuldade na interpretação e compreensão das finalidades do material lido.

Na turma observada, os alunos até eram incitados pelo docente a pegar livros emprestados na biblioteca. No entanto, ao escolher o livro de sua preferência, a bibliotecária os limitava por faixa etária, o que, muitas vezes, os desestimulavam a frequentar o espaço.

A seguir, serão apresentados os dados referentes ao registro das observações descritas em *diário de bordo* (**apêndice A**); à gravação; à posterior

transcrição (**apêndice B**) de uma aplicação de estratégias de leitura; e um questionário (**apêndice C**).

4.1 OBSERVAÇÃO

No primeiro dia, a professora de Língua Portuguesa iniciou a aula pedindo aos alunos que lessem um texto em voz alta e fez, somente, uma breve explicação sobre as variações linguísticas surgidas no texto. Não houve aplicação de atividades cognitivas que estimulassem os alunos antes, durante e após a leitura, ou seja, não houve o aprimoramento das competências leitoras que os alunos já possuem. Os alunos não sabiam por qual motivo estavam lendo, e não tiveram a oportunidade de integrar o seu conhecimento de mundo ao texto e assim, se precisassem interpretar as informações essenciais, ou prever hipóteses, provavelmente, não conseguiriam.

No segundo dia, a professora de Língua Portuguesa limitou-se a usar a leitura para trabalhar gramática. Pediu que os alunos encontrassem e classificassem, no texto, as classes gramaticais lecionadas em sala.

O episódio repetiu-se no terceiro dia quando, após fazerem a cópia do texto que apresentava lacunas a serem preenchidas por substantivos que se encontravam entre parênteses, ela não fez a contextualização do que liam, não os incentivou a formular hipóteses e, muito menos, a buscar informações que ativassem conhecimentos prévios. Utilizou o texto limitadamente ao trabalho gramatical.

O fato também se repetiu no quarto dia, quando solicitou que os alunos lessem o texto de uma página do livro didático e retirassem uma quantidade de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Com esses acontecimentos, é possível perceber que a professora deixa de lado seu papel de tornar a leitura interessante, envolvendo o aluno.

No quinto dia, a docente passou uma atividade do livro, baseada em texto sobre variações linguísticas: não contextualizou o tema, já citado em aulas passadas, apenas pediu que lessem e fizessem a atividade. Neste momento, ela poderia ter aproveitado a situação para fazer com que os alunos pensassem em seu cotidiano, no qual usam as variações linguísticas, estimulando-os a buscar informações as quais já conhecem.

No sexto dia, foi possível perceber as consequências de um trabalho deficiente de leitura. A docente pediu que os alunos fizessem uma atividade do livro

didático, na qual foram propostas duas produções textuais: a primeira visava à elaboração pelos alunos de solicitação para uso da quadra de esportes da escola, aos sábados; e a segunda sugestão era para a produção de um aviso, aos colegas, sobre a decisão do diretor.

A docente não contextualizou as atividades que continham gêneros textuais, deixando que os alunos se baseassem somente nas informações contidas no livro didático. Assim sendo, os estudantes sentiram dificuldade na produção do texto e cometeram várias inadequações com relação à concordância e à pontuação, além de não saberem qual gênero estavam utilizando e qual seriam seus elementos e função. O que ocorreu, novamente, na aula seguinte. Após a correção das produções, a docente solicitou a realização de outra atividade do livro, que continha tirinhas, gênero cujo uso, novamente, não foi contextualizado.

4.2 APLICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA

As estratégias de leitura foram aplicadas, adaptando-se a proposta de sequência didática para o ensino da compreensão leitora no ensino fundamental proposta por Solé (1998). Foi utilizado o texto “Negócio de menino com menina” (**anexo A**), que se encontra no livro didático¹⁰ adotado pela escola. A aplicação se deu em uma turma de 6º ano do ensino fundamental regular, composta de alunos com idades entre 10 e 12 anos. Como recurso para a informações, foi utilizada a gravação e posterior transcrição (**apêndice B**) que será apresentada ao longo da análise.

Houve a preocupação em dar ênfase na motivação dos alunos, proporcionando uma reflexão da obra com seu cotidiano, buscando uma melhor compreensão do material lido.

Iniciou-se a aplicação, promovendo interesse para a leitura e explicando qual era o gênero textual que seria lido, quem era o autor e qual o objetivo pretendido pelo autor. No primeiro excerto, é possível observar que os alunos não sabiam as características do gênero e foram preciso de maiores elucidações.

¹⁰ CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**, 6º ano. 7 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

Excerto 1

P – Então, vamos abrir o livro na página 94, porque nela tem um conto muito legal, muito legal. Então, a gente vai ler esse texto para que vocês compreendam sobre o que fala, tá bom? Vocês sabem o que é um conto?

C2 – É uma história!

P- Sim! É uma história narrativa. O autor vai mostrar vários acontecimentos e, ao final, vai ter um grande acontecimento! Por falar em autor, quem é o autor dessa narrativa?

C3 – Ivan Ângelo.

P – Isso! Vocês já leram alguma história desse autor?

TODOS – Não!

P – Ele é um autor que já escreveu muitos contos e já foi muito premiado por isso, mas, além disso, ele também é jornalista, é mineiro e já tem 78 anos!

C4 – Nossa que velho!

A partir do título e, depois, utilizando as ilustrações, foram abordados os conhecimentos e experiências prévias dos alunos, fazendo-os formular perguntas e fazer previsões sobre o que aconteceria no desenrolar da história.

Segundo Solé (1998), é fundamental que o leitor possua o conhecimento pertinente para poder entender, interpretar, criticar e utilizar o texto. Nesse fragmento, pode-se constatar que alguns alunos já haviam lido o material, mas ainda não conseguiram uma leitura proficiente, pois, quando questionados quanto à significação das imagens, não se aprofundam, ou seja, não se empenham em estimular seus conhecimentos para descobrir algo que está implícito. O que é perceptível também, quanto a demonstrar suas experiências por meio do título, é que pensam somente no que o texto vai dizer e se esquecem de fazer a ligação com suas experiências próprias, o que teve que ser mediado pela pesquisadora, fazendo-os compreender o elo existente.

Excerto 2

P – Pois é... Agora que já conhecemos um pouco do ator, olhem o título do texto “Uma Questão de Valor: Negócio de Menino com Menina”, o que vocês acham que esse título tem a ver com o texto? Sobre o que o texto vai falar? Podem falar.

C2 – *Vai falar sobre... o menino estava andando com uma gaiola de um passarinho e a me... a filha desse homem queria comprar, só que ele não queria vender, queria mostrar pra mãe dele que ele tinha pegado um passarinho.*

P – *Nossa! Você já leu essa história? E essa imagem aqui, diz o que pra você?*

C2 – *Que o homem está querendo comprar o passarinho, só que o menino não quer vender.*

P – *Ah, então tudo bem. Então, e essas gravuras aí, o que vocês imaginam que vai acontecer nessa história?*

C8 – *Não sei.*

P – *Não? O que vocês acham que vai acontecer nessa história? Quem será esse menino que está segurando essa gaiolinha?*

C9 – *Um morador de rua.*

P – *Um morador de rua?*

C10 – *Eu acho que ele não vai vender o passarinho!*

P – *Não vai vender? Alguém acha que ele vai vender?*

C11 – *Eu! Não acho que ele vai vender!*

C5 – *Acho que ele vai vender!*

P – *Então, qual será esse negócio que eles vão fazer? Olhem o título “Uma Questão de Valor: Negócio de Menino com Menina”, então qual será esse negócio que eles vão fazer?*

C3 – *É porque ele... falou pra menina que... no outro dia ele ia entregar o passarinho pra ela...que ele só queria mostrar pra mãe dele.*

P- *Então, isso quer dizer que criança também faz negócio? Vocês fazem negócio aqui?*

C4 – *Não!*

C5 – *Depende...*

P – *Como assim? O que seria esse negócio?*

C6 – *Trocar, vender...*

P – *Trocar, vender e o que mais?*

C7 – *Dar!*

P – *Isso, dar! Então quer dizer que vocês fazem negócio aqui?*

Todos – *Sim!*

P – *Com seu colega, com seu amigo, né? Quando vocês vão brincar, todo mundo aqui faz negócio?*

Todos – *Sim!*

Antes de iniciar a leitura foram motivados a formular hipóteses baseados em seus conhecimentos prévios, para que os confirmassem durante a leitura.

Excerto 3

P – Então, vamos fazer o seguinte, vamos ver se vocês estão certos? Porque eu não sei não... Tem gente que ainda não leu essa história... Eu acho que têm alguns que podem estar certos e outros não. Vamos fazer o seguinte, vamos ler todo mundo, fazer uma leiturinha silenciosa, mas vamos guardar o segredo, que depois vamos ler juntos, em voz alta, e vamos descobrir o segredo dessa história. Rapidinho, tá?

Foi solicitada, inicialmente, uma leitura silenciosa para que o aluno tivesse primeiro contato com o texto. Depois, uma leitura compartilhada, na qual cada aluno leu uma parte do texto, fazendo com que todos tivessem a oportunidade de ler em voz alta. Após ler a primeira página, os alunos foram convidados a refletir e a entender informações do texto. O que foi muito significativo, pois interagiram com o texto, interpretando as informações trazidas.

Excerto 4

P- Olhem aqui, quando fala, “menino, de uns dez anos, pés no chão”, o que o autor está querendo dizer?

C13 – Que o menino não tinha sapatos.

P – Por quê? Ela era um menino o que?

C14 – Pobre!

P – Isso! Humilde, né? E a família dele talvez não tivesse dinheiro para comprar sapatos pra ele.

A leitura teve sequência em um trecho no qual os alunos foram incentivados a verificar as hipóteses que haviam previsto antes de começar a leitura. Eles se mostraram capazes de inferir novos acontecimentos, mostrando que precisam somente de mais incentivo para que se tornem leitores competentes, capazes de fazer suas próprias estratégias de leitura, como proposto por Solé (1998).

Excerto 5

P – Está acontecendo o que nós pensamos que ia acontecer?

C2 – Não.

P – Não?

C7 – Sim!

P – Alguns sim, alguns não? Por quê? Você pensava que ia acontecer isso mesmo?

C12 – Não, eu pensava que ele ia querer vender!

No próximo momento, os alunos foram instigados a ligar fatos da história com seu cotidiano, para que a leitura se torne algo relevante aos meios sociais em que o aluno está inserido, fazendo-o ligar sua experiência ao texto. Essa proposta foi muito bem aceita por eles, pois os fizeram recordar fatos vividos e relacioná-los ao texto.

Excerto 6

P – Vocês conhecem pessoas assim?

Todos – Sim!

P – Quem são essas pessoas?

C7 – Nossa... deixa eu ver... huum... eu tenho uma amiga.

P – Sua amiga é desse jeito?

C7 – É! O meu irmão mesmo, também.

P – O seu irmão também? Então dentro de casa mesmo vocês convivem com pessoas como a menina?

C7 – É!

P – E por que vocês acham que a menina é tão insistente? Falando “Ah não pai, eu quero!”.

C8 – Porque o pai compra tudo pra ela!

C14 – Mimada!

P – E os pais de vocês compram tudo pra vocês?

TODOS – Não.

C16 – Não, só quando ele pode!

C12 – Sim!

Excerto 7

P – E quando vocês querem muito alguma coisa, e seus pais dizem que não podem dar isso agora, vocês ficam insistindo?

TODOS – Não.

C12 – Eu fico!

P – Ficam ou não ficam?

C6 – Sim, sim!

Excerto 8

P – Vocês já tiveram um bichinho assim? Que no começo vocês brincavam muito, mas depois deixaram de lado?

C2 – Eu tive uma cachorrinha, só que meu vizinho colocou veneno na comida dela e ela morreu!

C7 – Eu tenho uma cachorrinha na minha casa, que eu vivia fazendo carinho nela, mas, depois, que meu irmão chegou, que ele tem um ano, eu deixei ela de lado.

C4 – Eu viajei e lá tinha uma garnisé, e eu fiquei com ela.

Foram incentivados a formar novas antecipações, como estímulo a continuar lendo, tornando a leitura interessante. A proposta foi compreendida, e os alunos puderam fazer novas asserções a respeito dos acontecimentos do texto.

Excerto 9

P – Então e o negócio? Será que esse é o negócio que eles vão fazer, do pássaro? Ou vocês acham que é outra coisa?

C7 – Acho que sim, acho que ele vai vender para o pai da menina, porque o menino era pobre.

P – E será que o pai vai desistir?

TODOS – Não!

C13 – Sim!

P – Será? A menina é tão insistente! Vamos ver o que vai acontecer. Vamos continuar a leitura de onde paramos.

A leitura continuou e, em um certo trecho, surgiu um questionamento vindo de um aluno. É importante que esses questionamentos aconteçam para que o aluno tenha a capacidade de avaliar a veracidade das informações, tornando-se, assim, mais crítico.

Excerto 10

C8 – Com cinquenta mil dava pra comprar só uma bicicleta velha?

P – Na história era!

C8 – Dá pra comprar umas cinquenta bicicletas, isso sim!

Excerto 11

C4 – Vai ver que nem existe esse passarinho! Foram eles que inventaram!

Os alunos foram incentivados a formular hipóteses de partes implícitas do texto, utilizando a imaginação. Estratégia essa que, segundo Solé (1998), auxilia no desenvolvimento da criatividade fazendo com que leiam com mais atenção para comprovar as informações.

Excerto 12

P – É verdade! Mas olhem só, por que será que essa menina queria tanto esse pássaro?

C16 – Porque ela era muito mimada, porque ela gostou!

P – O que ela ia fazer com esse pássaro?

C12 – Ia ficar preso dentro da gaiola!

C14 – Ia deixar só de enfeite!

C16 – Primeiro ela ia gostar dele, depois ela ia esquecer!

C18 – Ou ficar falando com o pássaro!

Formularam novas hipóteses, expondo seus argumentos e utilizando mais uma vez a criatividade para criar suposições para os fatos expostos no texto.

Excerto 13

P – Vocês acham que esse pássaro realmente não prestava pra nada? Por que o menino falou “Não presta pra nada, é só bonito.”

C6 – Presta!

P – Pra quê?

C6 – Ah, porque ele não queria vender! Então prestava pra alguma coisa!

C15 – Pra ser companheiro!

P – O que mais?

C17 – Amigo!

P – E por que esse menino não quer vender esse pássaro?

C4 – Porque eu acho que é a única companhia dele.

C5 – Porque ele é sozinho!

Em um momento da leitura, o **Colaborador 2** teve dificuldade com a decodificação de algumas palavras, o que se dá pela incompreensão do que estava lendo, fato comum em sala de aula, os outros alunos o corrigiram. Conforme Solé (1998), esse tipo de ocorrência é comum, mas deve ser abordada com atenção, pois, para esses leitores, a leitura transforma-se em dizer somente o que está escrito, por receio de errar, ao invés de ser uma construção do significado.

Excerto 14

C2 – Não vendo por que, ei? Por quê? O menino acu... acu... acuado, tentando explicar: É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele etou com fome e com sabe.

TODOS – Sede!

Ao término da leitura, foram instigados a confirmar as hipóteses que haviam previsto durante todo texto. É relevante que eles consigam fazer parâmetros entre o que achavam e o aconteceu. Assim, poderão aplicar, em outros, textos estratégias próprias e melhoradas.

Excerto 15

P – Então olhem aí, que legal o que aconteceu no final da história! Era isso que nós pensávamos que ia acontecer?

Alunos – Não!

Procuraram entender as causas que levaram os personagens a agir da forma como fizeram, dentro dos acontecimentos da história fazendo novos questionamentos, segundo Solé (1998, p. 155) “O leitor capaz de formular perguntas pertinentes¹¹ sobre o texto está mais capacitado para regular seu processo de leitura e, portanto, poderá torna-lo mais eficaz.”

Excerto 16

P - Então por que o menino fazia tanta questão em mostrar o pássaro pra mãe dele?

C1 – Pra ele, a mãe dele era especial.

¹¹ Segundo Solé (1998, p.155) “uma pergunta pertinente é aquela que é coerente com o objetivo perseguido durante a leitura.”

C9 – Porque ele queria que a mãe dele tivesse orgulho dele!

C2 – Pra deixar a mãe feliz!

C8 – Pra que ela desse mais comida pra ele, porque ele estava com fome!

P – Exatamente, ele estava com fome, mas se ele estava mesmo com fome por que ele não aceitou o dinheiro? Quando estamos com fome não queremos comer? O dinheiro compraria comida!

C3 – Sim! Ele queria ir pra casa!

P – Mas por que ele não aceitou o dinheiro?

C7 – Porque ele queria mostrar o pássaro pra mãe dele!

P – Então mostrar o pássaro pra mãe era mais importante do que matar a fome?

C5 – É!

Excerto 17

P – E qual era o motivo que a menina tinha pra querer o passarinho?

C3 – Porque ia ser um companheiro pra ela.

P – E por que o pai queria comprar esse pássaro?

C4 – Pra deixar a filha dele feliz!

C7 – Porque a filha dele era muito mimada e ficava enchendo o saco dele!

C5 – E a filha dele também queria o passarinho, por causa que ela tinha inveja do menino com o passarinho, ela queria ter um também!

P – Podia ser isso também!

Recapitulou-se, oralmente, os fatos ocorridos no texto, fazendo com que os alunos identificassem o essencial, os fatos fundamentais da história, o que Solé (1998, p. 138) considera que são os resultados “da combinação entre os objetivos de leitura que guiam o leitor, entre os seus conhecimentos prévios e a informação que o autor queria transmitir mediante seus escritos.”.

Excerto 18

P – Isso! Então vamos lembrar da história.

C14 – O menino estava saindo da fazenda do homem, com uma gaiola... aí... a filha do homem mandou o pai dela parar o carro, porque ela achou o passarinho muito bonito e ela queria.

P – E aí? Aconteceu o quê?

C8 – Aí o homem insistiu, insistiu pro menino vender, só que ele falou que não, porque ele queria mostrar pra mãe dele.

P – Mostrar pra mãe dele pra quê?

C8 – Porque ele queria que a mãe dele tivesse orgulho dele!

P – E o que mais?

C13 – Ele ofereceu vinte mil, dez mil, trinta mil, quarenta mil e o menino não vendeu, porque ele queria mostrar pra mãe dele, pra ela ter orgulho dele.

C7 – A menina tentou ter intimidade com o passarinho, pro menino ficar falando pega!

P – Será que ela queria amolecer o coração do menino?

C10 – E o menino falou que o passarinho não tinha nome, porque ele tinha acabado de pegar!

E, por fim, surgiram questionamentos sobre os acontecimentos da história, o que é imprescindível, pois denota a capacidade de compreender os acontecimentos, pensar sobre eles e emitir uma opinião crítica a respeito.

Excerto 19

C7 – Mas por que ela não comprou um na loja, né? Tinha que ser o do menino?

C14 – Mimada e invejosa!

C2 – Era só ela comprar outro ou pedir pra alguém pegar pra ela na fazenda, já que era do pai dela mesmo!

A aplicação e gravação das estratégias de leitura foi de suma importância nesse trabalho, pois, por meio delas, foi possível perceber como os alunos se portam, quando instigadas suas capacidades de compreender o que está sendo lido.

A compreensão de textos mediante o convívio social e com finalidades nítidas capacita os alunos para compartilhar as práticas sociais letradas que precisam de informações adquiridas em ambiente escolar.

Quando o docente se compromete a instigar questionamentos referentes às informações que estão implícitas e discutir a respeito das características intertextuais de um texto, segundo Kleiman (2010) ele estimula o desenvolvimento do leitor crítico e competente, que consegue assimilar deduções, compreender e interpretar um texto.

4.3 QUESTIONÁRIO

Por meio do questionário (**apêndice C**) que foi aplicado após as estratégias de leitura, observou-se, isoladamente, cada aluno e as contribuições da estratégia de leitura ante a compreensão leitora. Serão apresentados, a seguir, alguns trechos de acordo com a análise proposta.

A primeira questão diz respeito ao que o aluno conseguiu absorver do texto de uma forma geral e sintetizar o que mais lhe chamou atenção. Com isso, é possível verificar que a discussão feita em sala os fez refletir alguns valores e emitir suas opiniões a respeito do que aconteceu na história.

1 – O que você entendeu do texto?

Ele é um texto que fala que o dinheiro não é tudo na vida de uma pessoa, um pai de uma menina queria ver a filha feliz tentando comprar mas o menino não quis e mostrou o passaro para a mãe e depois que ele deu o passaro para a menina.

Mas, também, foi possível perceber que alguns alunos prenderam-se ao texto e disseram exatamente o que aconteceu sem colocar sua opinião. O que indica que não conseguiram compreender o questionamento.

1 – O que você entendeu do texto?

Eu entendi que o menino ele não queria vender o passaro porque ele passou amanhã todo pegando o passaro e ele queria mostrar para sua mãe.

A segunda questão tinha a proposta de que o aluno fizesse um elo com sua vida cotidiana, fazendo-o entender a aplicação do texto no seu dia a dia, solicitando seu conhecimento de mundo segundo ao proposto por Freire (2002). Alguns associaram, ao texto, episódios em que estavam inseridos e outros, a algo que viram acontecer com outras pessoas.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

É que uma vez eu quis muito uma rapatinha mas a minha mãe não tinha dinheiro aí eu fiquei pedindo pedindo até que ela comprou para mim

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim. Eu já vi um menino que vivia na rua e pediu dinheiro para um homem e ele negou.

Alguns não conseguiram fazer a associação e responderam a pergunta negativamente. Significando que não conseguiram colocar a história em seu cotidiano.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Não eu nunca vi isso e nunca aconteceu comigo

A terceira questão faz ligação à aplicação das estratégias de leitura, considerando o que o texto contribuiu para as experiências e informações adquiridas pelo leitor.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não é tudo, porque o dinheiro não pode comprar amor, felicidade, saúde etc.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não compra tudo que tem bom tempo que dá orgulho para mostrar para tirando boas notas etc.

Houve quem não entendesse a proposta e deu seu juízo a respeito, o que não deixa de ser significativo, pois é proveitoso que o aluno consiga emitir sua opinião

para se tornar um leitor mais crítico. E foi possível perceber que as informações e discussões a respeito do texto foram absorvidas pelos alunos, que conseguiram compreender algo que antes de ler o texto não conseguiam.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

É que por que ele primeiro mostrou para a mãe e depois
vendeu já que está com fome e sede.

Houve, também, uma resposta que demonstrou incoerência com os dados do texto, mostrando que o aluno, não compreendeu tão bem o que leu e foi discutido em sala.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não o ajuda e ele queria por
queria daí orgulho por seu pai.

A última questão diz respeito a capacidade do aluno em identificar, no texto, uma parte mais importante, que ele considere essencial para a compreensão da história, e que seja capaz de embasar sua opinião. Assim sendo, foi possível observar que a maioria conseguiu alcançar o objetivo proposto, elegendo no texto a parte mais significativa e esclarecendo seus motivos para tal escolha.

4- Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Uma parte que é importante é quando o menino
mostra para menina que o maná é para o pai
para ela isso mostra que ele não está interessado
com o dinheiro mesmo que possa ter dificuldades.

4- Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Sim, a parte que o pai da menina
 desce do avião para ele, pelo passeio e
 a menina não gosta de foto que só
 quer mostrar para a mãe, eu acho
 importante por que ele só quer do orgulho
 para a mãe dele

Um aluno evidencia incompreensão aos acontecimentos do texto, não compreende que o personagem dará o pássaro à menina.

4- Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Sim. A parte em que a menina diz que vai dar
 para a mãe.

Por meio das respostas dos alunos, foi possível perceber que as estratégias de leitura feitas em sala de aula refletiram no desempenho da compreensão dos alunos, que conseguiram absorver as discussões e asserções feitas, colocando suas experiências e conhecimentos, adquirindo uma nova forma de ler o texto, procurando compreender cada elemento encontrado.

Esse contexto mostra que o papel do professor, conforme discutido neste trabalho, se faz mais efetivo quando o aluno demonstra habilidades em construir hipóteses, inferir situações, aplicar seu conhecimento de mundo e experiências ao texto, e entender a proposta que o docente traz de aperfeiçoar a leitura para torná-la mais efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as dificuldades apresentadas por estudantes em diversos níveis de escolaridade, as pesquisas em educação têm tido a preocupação em saber a qualidade do conhecimento adquirido por eles, em especial pelo fato de precisarem da leitura para adquiri-los.

Este trabalho buscou compreender, por meio de leituras de diversas obras que versam sobre o tema, e observações no ambiente escolar, às causas para a não aplicação de estratégias de leitura, prática que deveria ser um procedimento natural dentro das escolas.

Percebe-se que, ao melhorar o ensino de leitura no nível fundamental regular, contribui-se para a formação do leitor proficiente, pelo uso da proposta de estratégias contextualizadas ao cotidiano dos alunos, e da sala de aula, dá-se a oportunidade da construção do conhecimento.

Para formar o hábito da leitura na escola, primeiramente, devem-se selecionar materiais que sirvam para informação e recreação, e não impô-los como obrigação, visto a passagem pela escola, muitas vezes, ser a única oportunidade que o aluno tem de entrar em contato com a leitura. Nesse espaço, o professor é um dos maiores responsáveis por desenvolver essa prática junto a seus alunos, fornecendo-lhes livros e outros materiais, indicações bibliográficas, abrindo-lhes o universo da leitura.

É necessário, também, que o professor articule diferentes situações de leitura: oral, coletiva, individual e silenciosa, compartilhada; e que encontre os textos mais adequados para alcançar os objetivos delineados para cada momento. O fundamental é conseguir que a atividade seja significativa para os alunos, que ela corresponda a uma finalidade, a qual eles possam compreender e compartilhar.

O educador como mediador, deve saber o quanto sua prática e ação, em sala de aula, são importantes, e que sua mediação motivará, ou não, o aluno à prática da leitura. É interessante que ele não se limite a utilizar apenas alguns tipos de textos, mas, sempre que possível, deve-se trabalhar com textos de gêneros variados que, apesar de não serem os mais habituais às práticas escolares, aparecem com mais frequência na leitura diária do aluno.

Dessa forma, constatou-se que, por meio dos vários gêneros textuais, é que a leitura tornasse parte da vivência dos indivíduos em grupos e na sociedade letrada.

Gêneros que variam pela maneira como os grupos sociais, e os indivíduos neles inseridos, utilizam o texto escrito diariamente, usando e criando diferentes estratégias de leitura para antes, durante e após ler.

Tendo em vista que as possibilidades da utilização da leitura são muito mais amplas e subjetivas, entende-se que o método de ensino da leitura precisa ser repensado, delineando estratégias para que o uso da leitura no ambiente escolar não seja exclusivamente ligado a pretextos para o ensino gramatical, ampliando as probabilidades de atividades que ensinem o aluno os caminhos de uma leitura proficiente

Por meio da aplicação de estratégias de leitura proposta por esse trabalho, pôde-se perceber o envolvimento dos alunos que conseguiram compreender os elementos do texto, e por meio deles, fazer inferências, formando uma opinião crítica e incentivando-os a ler mais. Com um trabalho contínuo desses procedimentos, o desempenho dos alunos melhorará, conseguindo interpretar um texto com proficiência, agregando, ao seu conhecimento, novas informações.

Mostra-se a necessidade de preparar melhor os educadores para que consigam trabalhar a leitura em sala de aula de forma eficiente. Possibilitando a eles o desenvolvimento de dinâmicas que instiguem a leitura, permitindo-lhes novas perspectivas leitoras e ampliando seus conhecimentos pedagógicos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino: outra escola possível.** 2 ed. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor Pesquisador: Introdução à Pesquisa Qualitativa.** 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens, 6º ano.** 7 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

COSTA, Débora. SALCES, Cláudia Dourado. **Leitura e Produção de Textos na Universidade.** 1 ed. Campinas, SP: Alinea, 2013.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia.** 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 43 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões.; SOUZA, Renata Junqueira de. **Estratégias de Leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem.** *In:*

SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) **Ler e Compreender: Estratégias de Leitura.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 45 – 114.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HILA, Cláudia Valéria Doná. **Gêneros textuais: Didática das línguas aos objetos de ensino.** In: NASCIMENTO, Elvira Lopes. (Org.) **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino.** São Carlos: Editora Clara Luz, 2009, p. 151-194.

KLEIMAN, Ângela. **Texto & Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** Campinas, SP: Pontes; 13 ed., 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LADEIRA, Wânia Terezinha. **Teoria e Métodos de Pesquisa Qualitativa em Sociolinguística Interacional.** Revista de C. Humanas, Vol. 7, Nº 1, p. 43-56, Jan./Jun. 2007

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: DIONISIO, Angêla Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MENDONÇA, Márcia; BUNZEN, Clécio. **Sobre o Ensino de Língua Materna no Ensino Médio e a Formação de Professores: Introdução Dialogada**. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.) **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOURA, Ana Aparecida Vieira de; MARTINS, Luzineth Rodrigues. **A mediação da Leitura: do Projeto à Sala de Aula**. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.

OCDE. **Relatório Pisa 2012**. Disponível em: <<http://www.pisa.ocde.org>>.

SABINO, Maria Manuela do Carmo de. **Importância Educacional da Leitura e Estratégias Para a sua Promoção**. Revista Iberoamericana de Educación, Portugal, n.º 45/5, 11 f. mar. 2008.

SOARES, Edvaldo. **Metodologia Científica: Lógica, Epistemologia e Normas**. São Paulo: Atlas, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de Leitura**. 6 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICE A

DIÁRIO DE BORDO

Como dados informativos, foram observadas aulas de Língua Portuguesa, em uma turma de sexto ano. Porém, para o objetivo pretendido por esse trabalho, serão descritas, a seguir, somente as observações relacionadas à leitura.

No dia 1º de abril, a docente ditou o texto “A Velha Contrabandista”. Colocou as palavras desconhecidas e com escrita difícil no quadro. Terminou de ditar e pediu que os alunos lessem em voz alta o texto. Escolheu aleatoriamente cada um, mesmo assim, ainda havia conversas paralelas entre os alunos. Durante o texto, surgiram palavras com marcas de variação linguística, e a docente aproveitou para abordar o assunto superficialmente com os alunos, pois, já haviam feito uma pesquisa sobre diversidade cultural. No meio da leitura, o sinal tocou.

No dia 8 de abril, a docente iniciou a aula pedindo que os alunos pegassem a pesquisa que ela solicitou sobre *Classes Gramaticais*. Colocou no quadro as palavras: *substantivo, adjetivo, pronome e artigo*, e perguntou aos alunos o conceito e um exemplo, explicou cada uma das classes. Após a conceituação, a exemplificação e a explicação, solicitou aos alunos que encontrassem, no texto “A Velha Contrabandista”, cada uma das classes de palavras. A professora utilizou uma frase do texto e trabalhou *locução adjetiva*. Ao fim da aula, a professora passou uma atividade: retirar do mesmo texto *substantivos, pronomes, artigos* e classifica-los.

No dia 11 de abril, a docente iniciou a aula marcando a prova para o dia 24. Começou a correção da atividade passada na última aula: retirar do texto “A Velha Contrabandista”, os *substantivos, adjetivos, pronomes e artigos*. Após a correção, pediu que os alunos lessem a página 28 do livro didático, e respondessem as atividades das páginas 29, 30 e 31, somente resposta. O sinal tocou e os alunos ainda ficaram fazendo a atividade.

No dia 22 de abril, a docente iniciou a cópia, no quadro, do texto “Paixão de Menino”. Como atividade, havia lacunas que deviam ser preenchidas com os *substantivos* correspondentes, listados entre parênteses. Quando terminou a escrita, verificou, no caderno dos alunos, se a paragrafação estava correta. Foi possível perceber que vários alunos tinham dificuldade. Ela os auxiliou, pedindo que dessem o espaço de um dedo e meio, ou dois, para começar o parágrafo. Iniciou a cópia de atividades no quadro “o que é o que é”. Os alunos foram estimulados a adivinhar,

enquanto ela estava vistando os cadernos. O sinal tocou e a correção ficou para a próxima aula.

No dia 25 de abril, a docente solicitou que os alunos fizessem a atividade da página 32 do livro didático. Explicou como devia ser feita a atividade, que consistia em uma produção textual, na qual os alunos deviam fazer uma carta para o diretor da escola pedindo para utilizar a quadra da escola aos sábados. Os alunos cometeram inadequações na concordância e tiveram dificuldade para interpretar o enunciado do texto. Ao fim da aula, a professora pediu que os alunos passassem a produção para uma folha destacada e entregassem.

No dia 6 de maio, a docente entregou as provas e fez a correção junto com os alunos. Leu item por item. Mesmo assim, alguns alunos estavam dispersos e não corrigiram. Após a correção, a professora passou atividade do livro didático, páginas 254 a 257. Alguns alunos já haviam feito, então ela pediu que um aluno, por vez, fosse à sua mesa para mostrar a produção textual realizada, referente à página 32 do livro. Ao fim da aula, a professora disse as médias do bimestre para os alunos.

No dia 9 de maio, a docente iniciou a aula pedindo que os alunos que tivessem terminado a atividade da aula passada fizessem uma fila para receber o visto. Enquanto isso, a turma conversou, mas em tom baixo. Solicitou que abrissem o caderno para correção da atividade, fez algumas observações a respeito da prova e iniciou a correção da atividade pedindo que um aluno lesse a questão e outro, respondesse. Fez comentários e explicou cada resposta. Ao final da correção, pediu que todos lessem juntos, em voz alta, as principais regras de acentuação, que estavam listadas em uma folha que ela distribuiu. Em geral, a turma tem uma boa leitura, mas alguns alunos se aproveitam da leitura conjunta para não ler. A professora pediu que copiassem, do quadro, as regras de acentuação gráfica que ela reproduziu de outro livro didático. Os alunos conversaram. Quando terminou de copiar, fez a chamada e aguardou que todos terminassem a cópia. Explicou as regras de acentuação de *proparoxítonas*, *oxítonas* e *paroxítonas*. Os alunos estavam participativos e prestando atenção. Como atividade, pediu aos discentes que criassem um 'macete' para lembrar a regra de acentuação de *paroxítonas*. Os alunos discutiram entre si, pediram auxílio à docente. Ela pediu que dois alunos colocassem no quadro o macete que fizeram, leu com a turma e corrigiu. Pediu que os alunos lessem novamente o texto das págs. 52 a 54 do livro didático e retirassem

5 palavras *oxítonas*, 5 palavras *paroxítonas* e 5 *proparoxítonas*. Deixou o resto de tempo para execução da atividade.

APÊNDICE B

TRASCRIÇÃO

P- Bom dia!

TODOS – Bom dia!

P – Peço que todos peguem o livro de Português, e quem está fazendo outra atividade, peço que pare. Quem não trouxe o livro, sente ao lado do colega, e pode juntar a mesa, mas só quem não trouxe o livro! Você não trouxe?

C1 – Não, ela trouxe sim.

P- E aí, nós vamos fazer uma leitura, e eu peço que se vocês quiserem falar alguma coisa que levantem a mão, espere o colega falar que eu vou deixar todo mundo falar. Não precisa ficar com vergonha por que eu não estou aqui para avaliar ninguém, é só uma conversa que vamos ter a respeito do texto, tá bom? Então, vamos abrir o livro na página 94, porque nela tem um conto muito legal, muito legal. Então a gente vai ler esse texto para que vocês compreendam sobre o que fala, tá bom? Vocês sabem o que é um conto?

C2 – É uma história!

P- Sim! É uma história narrativa! O autor vai mostrar vários acontecimentos e, ao final, vai ter um grande acontecimento! Por falar em autor, quem é o autor dessa narrativa?

C3 – Ivan Ângelo.

P – Isso! Vocês já leram alguma história desse autor?

TODOS – Não!

P – Ele é um autor que já escreveu muitos contos e já foi muito premiado por isso, mas além disso ele também é jornalista, é mineiro e já tem 78 anos!

C4 – Nossa que velho!

P – Pois é... Agora que já conhecemos um pouco do ator, olhem o título do texto “Uma Questão de Valor: Negócio de Menino com Menina”, o que vocês acham que esse título tem a ver com o texto? Sobre o que o texto vai falar? Pode falar.

C2 – Vai falar sobre... o menino estava andando com uma gaiola de um passarinho e a me... a filha desse homem queria comprar, só que ele não queria vender queria mostrar pra mãe dele que ele tinha pegado um passarinho.

P – Nossa! Você já leu essa história? E essa imagem aqui, diz o que pra você?

C2 – Que o homem está querendo comprar o passarinho só que o menino não quer vender.

P – Não quer, né? Tá. Então qual será esse negócio que eles vão fazer, por que olha o título “Uma Questão de Valor: Negócio de Menino com Menina”, então qual será esse negócio que eles vão fazer?

C3 – É porque ele... pode falar?

P – Pode! Todo mundo pode falar!

C3 – É porque ele... falou pra menina que... no outro dia ele ia entregar o passarinho pra ela...que ele só queria mostrar pra mãe dele.

P- Então isso quer dizer que criança também faz negócio? Vocês fazem negócio aqui?

C4 – Não!

P – Como não?

C5 – Depende...

P – Como assim? O que seria esse negócio?

C6 – Trocar, vender...

P – Trocar, vender e o que mais?

C7 – Dar!

P – Isso, dar! Então quer dizer que vocês fazem negócio aqui?

Todos – Sim!

P – Com seu colega, com seu amigo, né? Quando vocês vão brincar, todo mundo aqui faz negócio?

Todos – Sim!

P - Então não é só gente grande que faz negócio, né?

Todos – Não!

P – Ah, então tudo bem. Então, e essas gravuras aí, o que vocês imaginam que vai acontecer nessa história?

C8 – Não sei.

P – Não? O que vocês acham que vai acontecer nessa história? Quem será esse menino que está segurando essa gaiolinha?

C9 – Um morador de rua.

P – Um morador de rua?

C10 – Eu acho que ele não vai vender o passarinho!

P – Não vai vender? Alguém acha que ele vai vender?

C11 – Eu! Não acho que ele vai vender!

C5 – Acho que ele vai vender!

C12 – Ele dá 50 mil, 60 mil, mas ele fala, ‘não, eu quero o pássaro’.

P – Então você acha que ele não vai vender?

C11 – Não!

P – Então, vamos fazer o seguinte, vamos ver se vocês estão certos? Porque eu não sei, não... Tem gente que ainda não leu essa história... Eu acho que têm alguns que podem estar certos e outros não, vamos fazer o seguinte, vamos ler, todo mundo faz uma leiturinha silenciosa, mas vamos guardar o segredo, que depois vamos ler juntos em voz alta e vamos descobrir o segredo dessa história. Rapidinho,

tá? Caso vocês encontrem alguma palavra desconhecida, deem uma grifadinha com o lápis que depois vamos ver juntos quais os significados, ok?

P – Pronto? Vamos ler todos juntos? E quem ainda não terminou vai terminar agora. Eu vou pedir que cada um vá lendo um pedacinho, que, aí, todo mundo vai conseguir ler, tá bom? E eu peço que todo mundo leia bem alto, para que todos os colegas escutem, porque está fazendo um pouquinho de barulho lá fora, então quando o colega estiver lendo os outros ficam em silêncio, tá bom? Pode começar por você?

C4 – Esse aqui?

P – É! Aqui ó... depois do título “Um negócio de Menino com Menina”. Vai.

C4 – O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andan... andando pela estrada de terra da fazenda, com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde, a menina de uns nove anos ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai.

P- Só um minutinho, olhem aqui quando fala, “menino, de uns dez anos, pés no chão”, o que o autor está querendo dizer?

C13 – Que o menino não tinha sapatos.

P – Por quê? Ela era um menino o quê?

C14 – Pobre!

P – Isso! Humilde, né? E a família dele talvez não tivesse dinheiro para comprar sapatos pra ele. Agora você, vai.

C5 – Olha, que lindo! Compra pra mim? O homem parou o carro e chamou: ‘Ô menino.’ O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem: ‘Este passarinho é pra vender?’

P – Agora você, continua.

C6 – ‘Não, senhor.’ O pai olhou para a filha com *um cara de deixá pa... para... pra lá*. A filha pediu su... suave como se o pai tudo pudesse.

C7 – ‘Fala pra ele vender.’ O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário: ‘Quanto você quer pelo passarinho?’ ‘Não tou vendendo não senhor.’

C8 – A menina ficou decepcionada e segredou: ‘Ah pai, compra.’

C9 – Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios, águia da Bolsa, acostumado a encorajar os mais *exigentes* ou a virar a cabeça dos mais *recalcitrantes*.

C10 – ‘Dou dez mil.’ ‘Não senhor.’ ‘Vinte mil.’ ‘Vendo, não.’ O homem me... meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado. ‘Trinta mil.’

P – Olhem bem essa primeira parte, quando o autor fala que o pai é só um intermediário, o que ele está querendo dizer?

C15 – Que ele está comprando...

P – Tem certeza? Vamos ver no contexto... “O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário”, o que ele está fazendo? Intermediando a situação, não é? Entre a menina que era sua filha, e menino que tinha o pássaro, não é verdade? E está acontecendo o que nós pensamos que ia acontecer?

C2 – Não.

P – Não?

C7 – Sim!

P – Alguns sim, alguns não? Por quê? Você pensava que ia acontecer isso mesmo?

C12 – Não, eu pensava que ele ia querer vender!

P – Isso! Mas vamos ver essa parte mais a frente! E você acha que não, por quê? Você pensava que não ia acontecer assim?

C8 – Não.

P – É comum pra nós ficarmos comprando pássaro assim, no meio da rua?

C16 – Não.

C13 – Depende...

P – Ah é? E o que vocês acharam desse menino?

C1 – Corajoso!

P – Corajoso? Por quê?

C1 – Por causa que ele enfrentou o homem, porque o homem poderia muito bem ter pegado a gaiola dele.

P – E a menina, o que vocês acharam dela?

C4 – Esperta... é...

C18 – Chata!

P – Chata?

C14 – Mimada!

P - Por quê?

C14 – Porque ela queria, porque queria a gaiola.

P – Vocês conhecem pessoas assim?

Todos – Sim!

P – Sério?

TODOS – Sério!

P – Quem são essas pessoas?

C7 – Nossa... deixa eu ver... huum... eu tenho uma amiga.

P – Sua amiga é desse jeito?

C7 – É! O meu irmão mesmo, também.

P – O seu irmão também? Então dentro de casa mesmo, vocês convivem com pessoas como a menina?

C7 – É!

P – Então, e o negócio? Será que esse é o negócio que eles vão fazer, do pássaro? Ou vocês acham que é outra coisa?

C7 – Acho que sim, acho que ele vai vender pro pai da menina, porque o menino era pobre.

P – E essa atitude do pai, o que vocês acharam?

C19 – Boa!

C5 – Eu achei errado.

P – É uma boa atitude?

TODOS – Não!

P- Por quê?

C6 – Porque o menino disse que não quer vender...

C7 – E ele fica implorando!

P – Ele está insistindo, né? Para o menino vender o passarinho. E por que vocês acham que a menina é tão insistente? Falando “Ah não pai, eu quero!”.

C8 – Porque o pai compra tudo pra ela!

C14– Mimada!

P – E os pais de vocês compram tudo pra vocês?

TODOS – Não.

C16 – Não, só quando ele pode!

C12 – Sim!

P – E quando vocês querem muito alguma coisa, e seus pais dizem que não podem dar isso agora, vocês ficam insistindo? “Ah não pai eu quero!”

TODOS – Não.

C12– Eu fico!

P – Ficam ou não ficam?

C6 – Sim, sim!

P – Eu acho que muitos de vocês aqui são iguais a essa menina, será? Ficam insistindo, pedindo... Qual o verdadeiro valor do dinheiro para o pai da menina?

C1 – Pra ele, o dinheiro é tudo!

C3 – Ele acha que com dinheiro compra tudo!

P – E isso é certo?

TODOS – Não.

P - Dinheiro compra mesmo tudo?

TODOS – Não.

C5 – Não compra felicidade, não compra amor, não compra a paz.

P – É verdade, dentro da sua casa você pode provar isso, você venderia sua família?

TODOS – Não!

P – Pois é, estão vendo? Tem coisas que o dinheiro não compra! E para o menino, qual era o valor do dinheiro?

TODOS – Nenhum.

P – O que era mais importante pra ele?

C7 – O pássaro!

C15– E mostrar pra mãe dele.

P – Exatamente!

C12 – Eu preferia o dinheiro!

P – E será que o pai vai desistir?

TODOS – Não!

C13 – Sim!

P – Será? A menina é tão insistente! Vamos ver o que vai acontecer. Vamos continuar a leitura de onde paramos.

C11 – ‘Não tou vendendo, não, senhor.’ O homem resmungou, ‘que menino chato’ e falou pra filha.

C12 – ‘Ele não quer vender. Paciência.’ A filha, baixinho, indi... indiferente às impossibilidades da transação.

C13 – ‘Mas eu queria. Olha que bonitinho.’ O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino. Com um rasgo na manga, o rosto vermelho de sol. ‘Deixa comigo.’ Levantou-se, deu meia-volta, foi até lá. A menina procurava intimi... intimidade com o passarinho, dedinho nas gretas da gaiola.

C14 – O homem, maneiro, estudando o adversário: ‘Qual é o nome deste passarinho?’ ‘Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.’

C15 – O homem, quase impaciente: ‘Não perguntei se ele é batizado não menino. É pinta... pintassilgo, é *sábio*...’

P – ‘Sabiá.’

C15 – ‘É sabiá, é o quê? Ah. É bico-de-lacrê.’

P – ‘Bico-de-lacre.’

C15 – ‘Bico-de-lacre.’ A menina, pela primeira vez, falou com o menino: ‘Ele vai crescer?’

C16 – O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis. ‘Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho’. O homem: ‘Canta?’

C17 – ‘Canta nada. Só faz chiar assim.’ ‘Passarinho besta, heim?’ ‘É. Não presta pra nada, é só bonito.’

C18 – ‘Você pegou ele dentro da fazenda?’ ‘É. Ai no mato’. ‘Essa fazenda é minha. Tudo que tem ne... nela é meu.’ O menino segurou com mais força a alça da gaiola

ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.

C19 – ‘Dou quarenta mil! Toma aqui.’ ‘Não senhor, muito obrigado’. O homem, meio mandão: ‘Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?’

C3 – ‘Não, não tou vendendo não.’ ‘Cinquenta mil! Toma!’ E puxou a gaiola. Com cinquenta mil se com... se comprava um saco de feijão, ou dois *dois* pares de sapatos, ou uma bicicleta velha. O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula. ‘Quero não senhor. Tou vendendo não.’

P – Olha o que aconteceu, ele ofereceu um monte de dinheiro e o menino não quis de novo.

C8 – Com cinquenta mil dava pra comprar só uma bicicleta velha?

P – Na história, era!

C8 – Dá pra comprar umas cinquenta bicicletas, isso sim!

P – É verdade! Mas olhem só, por que será que essa menina queria tanto esse pássaro?

C16 – Porque ela era muito mimada, porque ela gostou!

P – O que ela ia fazer com esse pássaro?

C12 – Ia ficar preso dentro da gaiola!

C14 – Ia deixar só de enfeite!

C16 – Primeiro ela ia gostar dele, depois ela ia esquecer!

C18 – Ou ficar falando com o pássaro!

P – Vocês já tiveram um bichinho assim? Que no começo vocês brincavam muito, mas depois deixaram de lado?

C2 – Eu tive uma cachorrinha, só que meu vizinho colocou veneno na comida dela e ela morreu!

C7 – Eu tenho uma cachorrinha na minha casa que eu vivia fazendo carinho nela, mas depois que meu irmão chegou, que ele tem um ano, eu deixei ela de lado.

C4 – Eu viajei e lá tinha uma garnisé, e eu fiquei com ela.

P – Então, todo mundo tem um bichinho, e não é legal? Só que tem que saber cuidar, né? E se esse pássaro fosse seu, qual nome você colocaria nele?

C11 – Vermelhinho.

P – Vermelhinho? Pela imagem que você está vendo?

C11 – Aham.

P – Qual o nome?

C5 – Tico-Tico.

P – Mas Tico-Tico já é o nome de uma raça de pássaro! Qual o nome?

C9 – Robin!

C13 – Pituquinha!

P – Vocês conhecem essa espécie de pássaro aí que o menino falou? Bico-de-Lacre?

TODOS – Não!

C1 – Já ouvi falar!

P – Eu também não conheço, mas imagino que deve ser parecido com esse desenho, né?

C4 – Vai ver que nem existe esse passarinho! Foram eles que inventaram!

P – Vocês acham que esse pássaro realmente não prestava pra nada? Por que o menino falou “Não presta pra nada, é só bonito.”.

C6 – Presta!

P – Pra quê?

C6 – Ah, por que ele não queria vender! Então prestava pra alguma coisa!

C15 – Pra ser companheiro!

P – O que mais?

C17 – Amigo!

P – E por que esse menino não quer vender esse pássaro?

C4 – Porque eu acho que é a única companhia dele.

C5 – Porque ele é sozinho!

C9 – Porque ele quer mostrar pra mãe dele!

P – E por que ele queria mostrar pra mãe dele?

C9 – Pra ela ter orgulho dele!

P – Então vamos continuar lendo a história pra saber o que acontece aqui no finalzinho? Pode continuar.

C2 – ‘Não *vendo* por que, *ei?*’ ‘Por quê?’ O menino acu... acu... acuado, tentando explicar: ‘É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele *etou* com fome e com *sabe*.’

TODOS – Sede!

C2 – ‘Sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostra... mostrar pra mamãe.’

C1 – O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento. ‘Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ing... ing... *ignorante*, filha. Vamos embora.’ O menino chegou *perdidinho* da menina.

TODOS – Pertinho.

C1 – Pertinho da menina e falou baixo, pra só ela ouvir. ‘Amanhã, eu dou ele pra você.’ Ela sorriu e cumprimentou.

TODOS – Compreendeu!

C1 – E compreendeu.

P – Então, olhem aí, que legal o que aconteceu no final da história! Era isso que nós pensávamos que ia acontecer?

Alunos – Não!

P – Eu não imaginava que isso ia acontecer! O que vocês acharam dessa atitude do menino?

C5 – Ótima!

P – Ele vai deixar de soltar o passarinho pra dar pra menina!

C2 – Vai dar ou vai vender!

TODOS – Dar!

P – Vai dar! Olha aí o que ele fala no final “Amanhã, eu dou ele pra você”.

C15 – Ela sorriu e achou foi bom!

P – Claro, ela conseguiu o que ela queria, não é mesmo? E a mãe desse menino é importante pra ele?

TODOS – Sim!

P – Por que olhem o tanto de coisa que ele passou, vocês fariam o mesmo pra mostrar pra mãe de vocês?

TODOS – Sim!

P – Você tirariam boas notas pra mãe de vocês ter orgulho?

TODOS – Sim!

P – Pois é! Já, já, tem a reunião de pais e qual será a mãe que vai ter orgulho?

C12 – Vocês estão convidados pro meu enterro amanhã! Porque minha mãe vai me matar quando olhar meu boletim!

P – Olha como vocês são, vocês acham bonito o que o menino fez, mas vocês não querem dar orgulho pra mãe de vocês!

C16 – Eu quero!

C18 – Eu quero!

P – Então tem que fazer o quê?

C19 – Estudar!

P – É, tem que estudar muito!

C4 – Eu estudo, mas minhas notas não saem boas, não sei porquê!

P – Porque deve estar faltando mais um pouquinho de esforço! Então, por que o menino fazia tanta questão em mostrar o pássaro pra mãe dele?

C1 – Pra ele, a mãe dele era especial.

C9 – Porque ele queria que a mãe dele tivesse orgulho dele!

C2 – Pra deixar a mãe feliz!

C8 – Pra que ela desse mais comida pra ele, porque ele estava com fome!

P – Exatamente, ele estava com fome, mas se ele estava mesmo com fome por que ele não aceitou o dinheiro? Quando estamos com fome não queremos comer? O dinheiro compraria comida!

C3 – Sim! Ele queria ir pra casa!

P – Mas por que ele não aceitou o dinheiro?

C7– Porque ele queria mostrar o pássaro pra mãe dele!

P – Então mostrar o pássaro pra mãe era mais importante do que matar a fome?

C5 – É!

P – E no trecho que o pai da menina fala “ Viu no que dá mexer com essa gente”, a que gente ele se referia?

C11 – Gente pobre!

C12 – Humilde!

P – O que mais?

C6 – Gente ruim!

P – Por que o pai da menina falou isso?

C13 – Porque ele tinha classe alta!

C7 – Porque ele se achava rico!

C12– Ele quer ser o rico entre aspas, e não queria ter intimidade com nenhuma pessoa que fosse humilde ou pobre.

C6– Porque ele achava que o dinheiro comprava tudo!

P – Isso! E o que vocês acharam dessa atitude do menino? Não vendeu, não vendeu e não vendeu!

C1 – Eu acho boa, por que ele queria que a mãe dele tivesse orgulho dele e ele ficaria feliz!

P – E o dinheiro realmente tem valor?

TODOS – Não!

C17 – O menino preferiu dar o pássaro, mas não pegou o dinheiro.

P – Isso! Então vamos lembrar da história.

C14 – O menino estava saindo da fazenda do homem, com uma gaiola... aí... a filha do homem mandou o pai dela parar o carro, porque ela achou o passarinho muito bonito e ela queria.

P – E aí? Aconteceu o quê?

C8 – Aí o homem insistiu, insistiu pro menino vender, só que ele falou que não, por que ele queria mostrar pra mãe dele.

P – Mostrar pra mãe dele, pra quê?

C8 – Porque ele queria que a mãe dele tivesse orgulho dele!

P – E o que mais?

C13 – Ele ofereceu vinte mil, dez mil, trinta mil, quarenta mil e o menino não vendeu, porque ele queria mostrar pra mãe dele, pra ela ter orgulho dele.

C7 – A menina tentou ter intimidade com o passarinho, pro menino ficar falando pega!

P – Será que ela queria amolecer o coração do menino?

C10– E o menino falou que o passarinho não tinha nome, porque ele tinha acabado de pegar!

P- E qual era o motivo que a menina tinha pra querer o passarinho?

C3– Porque ia ser um companheiro pra ela.

P – E por que o pai queria comprar esse pássaro?

C4 – Pra deixar a filha dele feliz!

C7 – Porque a filha dele era muito mimada e ficava enchendo o saco dele!

C5 – E a filha dele também queria o passarinho, por causa que ela tinha inveja do menino com o passarinho, ela queria ter um também!

P – Podia ser isso também!

C7– Mas por que ela não comprou um na loja, né? Tinha que ser o do menino?

C14– Mimada e invejosa!

C2 – Era só ela comprar outro ou pedir pra alguém pegar pra ela na fazenda, já que era do pai dela mesmo!

P – Então é isso! Espero que vocês tenham gostado da história e deem orgulho às suas mães!

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO

Idade: 10 anos

1 - O que você entendeu do texto?

Que a menina era separada, sem dinheiro, e a mãe queria que a menina tivesse felicidade ao lado dela, pois ela era mimada e exaltada e egoísta, por isso queria ajudar a mãe.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim, que me lembrei como as pessoas são egoístas e por isso, crianças e etc. pessoas não têm dinheiro e a mãe não pode fazer distinção.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que nem sempre o dinheiro pode comprar as coisas, e meu pai também.

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Sim, o final que a menina precisava de dinheiro para dar o presente para a mãe.

Idade: 10

1 – O que você entendeu do texto?

Entendi que não é com o dinheiro que pode
mes comprar aquilo que as pessoas gostam.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

me fez lembrar de algumas pessoas que eu conheço
que já fizeram isso

3- O que você entende agora que não entendia antes?

O dinheiro não tem nada de importante para
nós, e com ele não podemos comprar tudo que a
gente quer.

4 – Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

uma parte que é importante é quando o menino
pedis para menina que o manha dá o dinheiro
para ela isso mostra que ele não está interessado
com o dinheiro mesmo que possa ter dificuldades.

Idade: 10

1 – O que você entendeu do texto?

Que o dinheiro não compra nada, principalmente a felicidade de uma pessoa.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Não

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não é tudo na vida.

4 – Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

A parte que o menino não aceita o dinheiro, é importante porque o menino ofereceu muito dinheiro para ele, ele não aceita porque quer mostrar para sua mãe para se sentir orgulho dela.

Idade: 10

1 – O que você entendeu do texto?

Eu entendi que na vida nem tudo é dinheiro, e também gente boa
é vende uma pessoa ou um animalzinho. Já pensei nós vender
uma pessoa ou a nossa família isso seria muito ruim. Por isso
nós devemos aceitar o que os outros fazem, aceitar que não que
se dar uma punição ou outras coisas. Por isso aceite

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

É que uma vez eu quis muito uma sapatinha mas a
minha mãe não tinha dinheiro aí eu fiquei pedindo
pedindo até que ela comprou para mim

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Eu entendi que nós devemos esperar e não ficar pedindo

4 – Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua
opinião, por que elas são mais importantes?

Sim a passagem pai ele é muito importante para a
mãe

Idade: 10 anos

1 - O que você entendeu do texto?

Que o menino tinha demorado a manhã todo para achar
o queio menino para a mãe dele que ele trabalhou
muito para achar o passaro e para a mãe dele
dan comida para ele e ficou com orgulho dele.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim, mas foi com um amigo meu ele não
queria vender o passaro porque achou o passaro bonito.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não é tudo, porque o dinheiro
não pode comprar amor, felicidade, saúde etc.

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

A parte que o homem oferece dinheiro pro menino
mas o menino não aceita, a parte em que o
menino fala que depois entregou o passaro
para a menina.

Idade: 10 anos

1 - O que você entendeu do texto?

Entendi que para esse momento
 dinheiro não era nada, pois o pai
 da menina sabia tanto mais forte e ele
 não sabia, e mesmo se queria mostrar para a
 mãe dele acabou que no final o menino sabia que
 no outro dia dava o prêmio.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Eu nunca vi mas sempre vejo
 assim

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que dinheiro não é nada e que
 não temos que de verdade não
 tem.

4- Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Sim, a parte que o pai da menina
 oferece dinheiro para ele pelo prêmio e
 a menina não aceita de fato que só
 quer mostrar para a mãe, eu acho
 importante por que ele só quer do prêmio
 para a mãe dele

Idade: 10 anos

1 – O que você entendeu do texto?

Que um pobre menino capturou um papagaio, e um homem para realizar o desejo de sua filha queria lhe comprar esse papagaio.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim. Minha cachorrinha adorava ela mas quando meu irmão nasceu eu fiquei com ele.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro é uma coisa que não compra coisa como o amor, a atenção, e outros bens.

4 – Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Sim. A parte em que o menino diz que vai dar para a mãe.

Idade: 10

1 - O que você entendeu do texto?

Eu entendi que o menino achou a pessoa
 ruim e como menino queria a pessoa e
 o pai da menina cobra muito dinheiro para a
 empresa mas ele não cobra, é no fim a deus a pessoa
 pobre a menina.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim. Da escola fui meu vizinho colheu o nome
 me comia dela.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não é tudo que o amor
 supera o dinheiro.

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua
 opinião, por que elas são mais importantes?

A parte que o menino não aceita o dinheiro
 sua da pai da menina.

Idade: 10

1 – O que você entendeu do texto?

Que o menino não queria vender o papava
por que ele passou a manhã toda pegando o
papava e também ele queria mostrar para a
mãe dele e ela tem orgulho dele.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim. Quando o meu pai morreu eu fiquei
muito triste.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que mostrar orgulho para mãe é importante.

4 – Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Sim. A parte que ele fala que passou a manhã
toda pegando o papava e ele queria mostrar
orgulho para mãe dele. por que ele quer mostrar
orgulho para ela.

Idade: 10 anos

1 - O que você entendeu do texto?

Ele é um texto que fala que o dinheiro não é tudo na vida de uma pessoa, um pai de uma menina queria ver a filha feliz tentando comprar mas a menina não quis e mostrou o passaporte para a mãe e depois que ele deu o passaporte para a menina.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Eu toda vez que eu quero alguma coisa eu sempre fico insistindo até eu conseguir.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não é tudo, que temos que dar exemplos para nossa mãe etc.

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

A parte em que o pai dar todo dinheiro para a menina mas ele quer mostrar primeiro a sua mãe. Ela é mais importante porque o dinheiro não compra tudo.

Idade: 10 anos

1 - O que você entendeu do texto?

Eu entendi que o dinheiro não compra tudo, que a família tem que amar nessa mãe e querer que ela tenha orgulho de gente.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim. Eu e minha irmã ganhamos 2 colchas uma pra cada em 1 semana ela começou a doar os 2 para mim cuidar.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não compra tudo que tem um tempo que dá orgulho para nossa mãe tirando boas notas etc.

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

A parte de querer ter orgulho a nossa mãe. Porque pra mim a mãe é uma pessoa muito especial para nossa vida.

Idade: 20 _____

1 - O que você entendeu do texto?

Eu entendi que uma menina queria um passarinho e pediu para o pai dela e pai dela fez com o menino de dinheiro para o menino que lava com o passarinho mas ele não aceita queria ficar com os amigos.

2 - O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Não eu nunca vi isso e nunca aconteceu comigo.

3 - O que você entende agora que não entendia antes?

que o dinheiro não é tudo na nossa vida.

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

a parte que o menino não que cria do passarinho para ele para a mãe dele para ele não aceitar dele.

Idade: 11

1 – O que você entendeu do texto?

Eu entendi que o menino ele não queria vender o passarinho porque ele passou amanhã todo pegando o passarinho e ele queria mostrar para sua mãe

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim. Um menino queria comprar a minha bola de futebol.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Porque que o menino não queria vender o passarinho, agora eu sei porque

4 – Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

As do menino e o pai. Porque está falando da mãe do menino, falando de dinheiro e várias outras coisas.

Idade: 10

1 - O que você entendeu do texto?

Eu entendi no texto que uma pessoa "rica" acha que dinheiro compra tudo, que uma filha mimada pode dar nos nervos, e que uma pessoa humilde que tem orgulho vale mais.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Não. Nada.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

que dinheiro não é tudo. É uma pessoa tem que dar orgulho para os pais.

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

ha parte da menina mimada e da menina querendo mostrar o dinheiro pra mãe. Elas são importantes porque dinheiro não é tudo e mostrar orgulho pra mãe.

Idade: 12

1 - O que você entendeu do texto?

Eu entendi que o dinheiro não é tudo e nem tudo
sempre funciona

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

sim em meu cachorro

3 - O que você entende agora que não entendia antes?

De orgulho por ser pobre

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Importante que o dinheiro não é o poder
Porque ele não é de jeito nenhum.

Idade: 10 anos

1 - O que você entendeu do texto?

Eu entendi que a menina Xerá com enxa que o menino tinha um passarinho e ela não tinha e ela era muito mimada e queria aquele passarinho.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim eu mesmo eu sei uma coisa e quero essa coisa e não consigo de parar de pedir?

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não é tudo e ele queria por queria do orgulho por seu pai.

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Que ele não queria vender e queria orgulhar sua mãe e pra ele dinheiro não era nada e eu achei muito importante.

Idade: 10

1 – O que você entendeu do texto?

Eu entendi que o menino não queria aprender a piano porque ele queria mostrar para mãe dele

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

mãe, mãe aconteceu desde disse na história

3- O que você entende agora que não entendia antes?

E que por que ele quis mostrar para a mãe e depois mudou já que está com fome e sede.

4 – Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 parágrafos
 as partes em que o menino não queria ir para mostrar para a mãe para ser orgulho dele, mas eu liro uma história onde é que ela mostra ele sobre onde?

Idade: 10 anos

1- O que você entendeu do texto?

Que o menino sabe não precisa de dinheiro para ser feliz, mas sim de uma família.

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Sim. Eu já vi um menino que vivia na rua e pediu dinheiro para um homem e ele negou.

3- O que você entende agora que não entendia antes?

Que o dinheiro não é tudo.

4- Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Sim. A parte que ele recusa o dinheiro e ele só quer mostrar o passaro para a mãe. Porque essa parte fala sobre o amor.

Idade: 50 anos

1 - O que você entendeu do texto?

Que o dinheiro não é tudo e não compra tudo que quiser

2- O texto lhe fez lembrar algo que você já viu ou já aconteceu com você? O que?

Eu tenho um carro que queimou e a chapa no meu carro era de todo o dinheiro que meus irmãos tinham e eu não tinha de mais

3 - O que você entende agora que não entendia antes?

O dinheiro não compra tudo!

4 - Há partes do texto que são mais importantes que outras? Quais? Em sua opinião, por que elas são mais importantes?

Sim, a parte que ele fala que não vai vender o que tem, não dá o dinheiro, e não dá no outro dia. Por que tem uma coisa que é do momento, que não dá para lembrar e orgulho do mal dele.

ANEXO A

CAPÍTULO 2

Uma questão de valor

Quanto vale o seu cachorro ou o seu gato? Quanto vale aquele brinquedo com o qual você gosta de brincar? Quanto vale uma amizade? Afinal, será que tudo na vida tem um preço?

Negócio de menino com menina



— Não senhor.

O pai olhou para a filha com uma cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:

— Fala pra ele vender.

O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:

— Quanto você quer pelo passarinho?

— Não tou vendendo não senhor.

A menina ficou decepcionada e segredou:

— Ah, pai, compra.

Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios, águia da Bolsa, acostumado a encorajar os mais hesitantes ou a virar a cabeça dos mais recalcitrantes:

— Dou dez mil.

— Não senhor.

— Vinte mil.

— Vendo não.

O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina de uns nove anos ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:

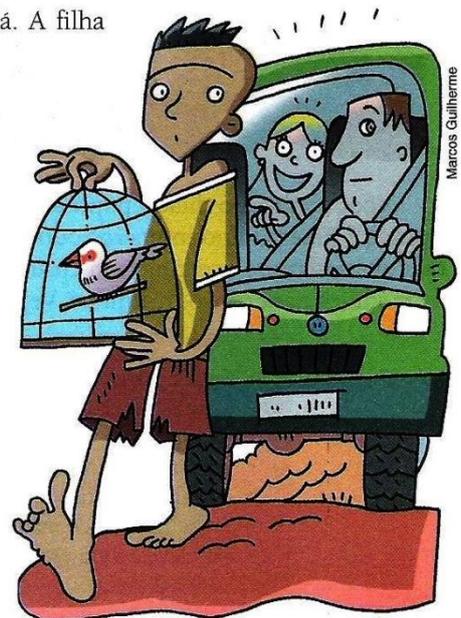
— Olha que lindo! Compra pra mim?

O homem parou o carro e chamou:

— Ô menino.

O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou do lado da janela da menina. O homem:

— Este passarinho é pra vender?



— Trinta mil.

— Não tou vendendo, não, senhor.

O homem resmungou “que menino chato” e falou pra filha:

— Ele não quer vender. Paciência.

A filha, baixinho, indiferente às impossibilidades da transação:

— Mas eu queria. Olha que bonitinho.

O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho de sol.

— Deixa comigo.

Levantou-se, deu meia-volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas gretas da gaiola.

O homem, maneiro, estudando o adversário:

— Qual é o nome deste passarinho?

— Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.

O homem, quase impaciente:

— Não perguntei se ele é batizado não, menino.

É pintassilgo, é sabiá, é o quê?

— Aaaah. É bico-de-lacre.

A menina, pela primeira vez, falou com o menino:

— Ele vai crescer?

O menino parou os olhos pretos nos olhos azuis.

— Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.

O homem:

— Canta?

— Canta nada. Só faz chiar assim.

— Passarinho besta, hein?

— É. Não presta pra nada, é só bonito.

— Você pegou ele dentro da fazenda?

— É. Aí no mato.

— Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.

O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.

— Dou quarenta mil! Toma aqui.

— Não senhor, muito obrigado.

O homem, meio mandão:

— Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?

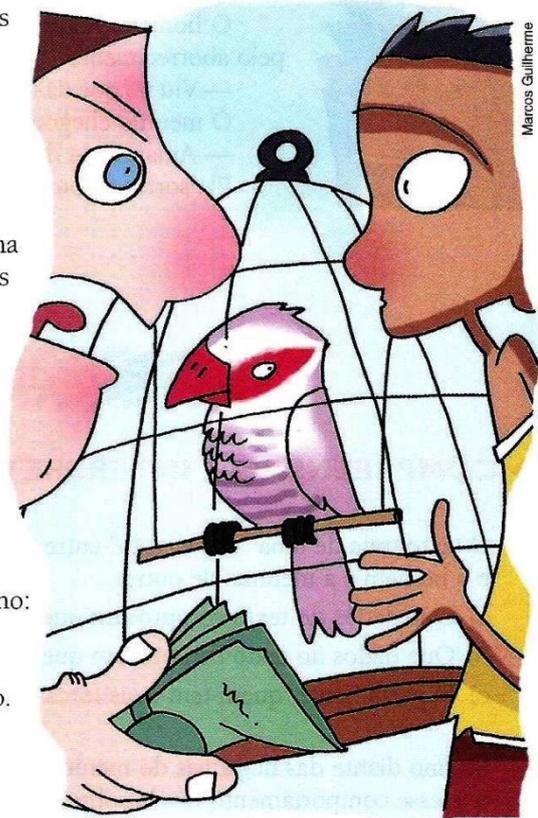
— Não, não tou vendendo não.

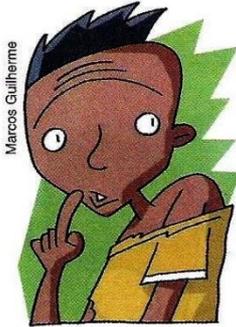
— Cinquenta mil! Toma! — e puxou a gaiola.

Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha.

O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.

— Quero não senhor. Tou vendendo não.





— Não vende por que, hein? Por quê?

O menino acuado, tentando explicar:

— É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, e queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.

O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.

— Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam'bora.

O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, pra só ela ouvir:

— Amanhã eu dou ele pra você.

Ela sorriu e compreendeu.

(Ivan Ângelo. *O ladrão de sonhos e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1994. p. 9-11.)